

USP

INTEGRAÇÃO

Revista da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária

ISSN 2675-3138

Edição 04 | Maio/2020

Núcleo de Artes Afro-Brasileiras da USP

Há mais de 20 anos, grupo resgata história oral e difunde a cultura afro-brasileira na Universidade.

▶ p.22

Entrevista

Mikiya Muramatsu

A importância da
popularização da ciência
entre crianças e jovens

▶ p.28

Reportagem

Hospital Veterinário

Dedicação e ciência com a
saúde animal

▶ p.52

Perfil

Teatro da USP

A história de um dos mais
antigos órgãos culturais da
Universidade



Departamento de Cultura e
Extensão Universitária

O Núcleo de Artes Afro-Brasileiras apresenta

Sem Folha Não Tem Festa

do Departamento de Cultura e Extensão Universitária

Sempre aberto

Die 19/11
Local: Teat
Faculdade de
de USP

Editorial

Esta edição da **USP INTEGRAção** está sendo produzida em um momento novo e surpreendente para todos, em pleno andamento da pandemia de covid-19, do isolamento social, com todos em suas casas aguardando desdobramentos dessa situação. A USP, assim como todas as instituições, precisou se adaptar e se reinventar para continuar cumprindo sua missão nas mais variadas frentes de atuação e com a excelência de sempre, ainda mais agora que se buscam tantas respostas na ciência.

Na área da cultura e extensão universitária não foi diferente: com criatividade e muito esforço, os institutos da Universidade passaram a produzir conteúdos e prestação de serviços públicos, para acesso on-line. A plataforma USP Cultura em Casa, que reúne este material, foi criada e colocada no ar rapidamente, com atualizações diárias e atingindo número recorde de acessos. As redes sociais da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) também passaram a oferecer mais atualizações e conteúdos com grande procura do público. A tradicional Feira USP e as Profissões ganhou a inédita versão digital depois de 19 anos. E assim, mesmo de casa, o público não deixa de receber conteúdo de qualidade!

Esta revista faz parte desse esforço. Apesar de já existir desde antes da pandemia e de trazer informações de interesse perene, nossa dedicação foi no sentido de, mesmo em meio a toda essa situação, produzir este número e poder oferecer mais um material. As tecnologias de comunicação tornaram possível brindar o leitor com uma **Entrevista** com o professor Mikiya Muramatsu, do Instituto de Física (IFUSP), falando sobre divulgação científica para crianças e jovens, discussão oportuna quando a importância da ciência está em tanta evidência.

O **Perfil** traz a história e o retrato do momento atual do TUSP. As **Reportagens** contam curiosidades, fatos e detalhes sobre o Núcleo de Artes Afro-Brasileiras e sobre o Hospital Veterinário da USP (Hovet-USP). Um artigo relata em primeira pessoa as **Experiências** de estudantes da USP que atuam no Centro de Educação em Prevenção e Posvenção do Suicídio (CEPS). E, finalizando, um texto que explica de forma objetiva o significado do termo Brasileira, da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM).

O **Ensaio Fotográfico**, que por natureza precisa ser produzido de forma presencial, havia sido feito antes da pandemia, de modo que trazemos ao leitor imagens inspiradoras do Engenho dos Erasmos, sítio arqueológico e reserva ecológica que junta educação, biologia e história.

Na esperança de uma volta à normalidade o quanto antes, boa leitura!

Margarida Maria Krohling Kunsch
Diretora editorial

USP
INTEGRAção

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor

Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-reitor

Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Pró-reitor de Graduação

Prof. Dr. Edmund Chada Baracat

Pró-reitor de Pós-Graduação

Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Júnior

Pró-reitor de Pesquisa

Prof. Dr. Sylvio Roberto Accioly Canuto

Pró-reitora de Cultura e Extensão Universitária

Profa. Dra. Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado

PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Pró-reitora

Profa. Dra. Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado

Pró-reitora adjunta

Profa. Dra. Margarida Maria Krohling Kunsch

Assessores técnicos de gabinete

Profa. Dra. Dionísia Aparecida Cusin Lamônica

Prof. Dr. Igor Studart Medeiros

Assistentes técnicos do gabinete

Cecílio de Souza

Flávia Vince

Chefe da Divisão de Comunicação Institucional

Michel Sitnik

Chefe da Divisão de Ação Cultural

Margarete Ramos

Chefe da Divisão Acadêmica

Marina Santos de Carvalho

Chefe da Divisão Administrativa e Financeira

Valdir Previde

USP INTEGRAção

Diretora Editorial

Profa. Dra. Margarida Maria Krohling Kunsch

Editor

Michel Sitnik

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adriano Tech

Prof. Dr. Carlos Vicente Serrano Junior

Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho

Prof. Dr. Marcelo Bônecker

Profa. Dra. Maria Olimpia Rezende

Prof. Dr. Plínio Martins Filho

Jornalismo

Elcio Silva

Fabio Rubira

Sandra Lima

Projeto Gráfico

Camila Previato

Cecília Christine Handaya

Editoração Eletrônica

Angela Di Nubila

Camila Previato

Revisão de Texto

Priscila Conde

Foto da capa

Elcio Silva

Foto da contracapa

Marcos Santos/USP Imagens

Sumário

4 Núcleo de Artes Afro-Brasileiras da USP resgata lado cultural da capoeira em trabalho de resistência

Com a capoeira como carro-chefe, os Guerreiros de Senzala, grupo que originou o Núcleo de Artes Afro-Brasileiras da USP, vem superando desafios e construindo uma história de resistência desde 1997, com a conquista de espaço e credibilidade para a pesquisa e a difusão de uma cultura indissociável das raízes do Brasil.

22 Entrevista

Militante pioneiro da divulgação científica, Mikiya Muramatsu comenta estratégias e os desafios deste trabalho entre o público jovem e sua importância para o desenvolvimento das sociedades.

28 Reportagem

Dedicação, empenho e carinho em categoria animal.

34 Experiências

Atividades de extensão para a prevenção do suicídio e promoção de saúde mental.



Foto: Camila Previato

40

Ensaio Fotográfico

Engenho dos Erasmos



Cena de *O que mantém um homem vivo*.

Foto: Luisa Bonin

52
Perfil

Um teatro crítico para São Paulo.

60

O que é...

Brasília?



Foto: Marcos Santos/USP Imagens



Núcleo de Artes Afro-Brasileiras da USP resgata lado cultural da Capoeira em trabalho de resistência

Realizado desde 1997, o trabalho dos Guerreiros de Senzala traz variedade de manifestações artísticas afro-brasileiras em intercâmbio constante com a comunidade acadêmica e a sociedade

Texto: Elcio Silva

A história de resistência do Núcleo de Extensão e Cultura em Artes Afro-brasileiras da USP se confunde com a resistência negra nos quilombos espalhados pelo país, em especial com o Recôncavo baiano, de onde busca suas referências de ancestralidade e história oral contada pelos grandes mestres capoeiristas, pelas lalorixás dos terreiros de candomblé, pelas mestras e mestres do samba de roda, do maculelê, da puxada de rede e da percussão.

Em 1997, dez anos antes da sua formalização como Núcleo de Apoio às Atividades de Cultura e Extensão (NACE) da USP, o grupo de capoeira Guerreiros de Senzala, coordenado por Luiz Antonio Nascimento Cardoso, o contramestre Pinguim, trouxe para a Universidade as lições aprendidas com capoeiristas antigos, que buscavam não só apresentar o jogo, como também o que envolve o ensinamento de capoeira em sua amplitude.

Natural de Salvador, Pinguim migrou para São Paulo por necessidade da família. Começou na capoeira entre 1983 e 1984 em uma academia no bairro do Rio Pequeno, zona oeste de São Paulo, com Valdenor Batista da Silva, o Mestre Pato, mas foi com José Gabriel Góes, o Mestre Gato Preto que passou a conhecer valores, práticas, referências, história, memória e herança dos ensinamentos dos velhos mestres da capoeira e da cultura afro-brasileira, missão que não escolheu, mas que abraçou há quase 30 anos, quando foi apresentado a Gato Preto no início dos anos 1990 pelo também baiano Firmino Pitanga, da Cia. de Dança Negra

Contemporânea Batá-Kotô.

Na USP, histórias de ocupações em espaços até então abandonados ou sem uso efetivo formam um pouco do que é hoje o Núcleo de Artes Afro-Brasileiras, reconhecido como NACE apenas em 2007, após aprovação unânime do conselho de cultura e extensão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU), promulgada pela [resolução nº 5418, de 31 de outubro de 2007](#).

O Núcleo traz a capoeira como carro-chefe, mas também dá aulas de dança afro, maculelê, percussão, samba de roda e de processos criativos para apresentações artísticas que incluem elaboração de figurino, cenário e montagem coreográfica. Além disso, produzem espetáculos teatrais e de dança e exposições. Em 2015 realizaram um documentário sobre os primeiros 15 anos de atividades.

As aulas de capoeira também são ministradas para crianças a partir de quatro anos no projeto Angol'ERÊ e, atualmente, estão construindo uma casa no município de Dias D'Ávila - BA, proposta do Ajagunã, trabalho que tem como objetivo promover um espaço cultural e educativo voltado principalmente para crianças e jovens da região.

Desde 2012 realizam os Encontros de Artes Afro-brasileiras com a presença de mestres e mestras da cultura popular, artistas, pesquisadores e pesquisadoras das artes e culturas negras em três dias de atividades.



Alunos tocam e observam explicação de contramestre Pinguim durante treino com berimbau.

Primeiro ato: a Resistência

A primeira parada na USP foi em 1997, no Instituto de Química (IQ), em um espaço do Centro Acadêmico (CA), a partir de um contrato firmado entre os estudantes e o contramestre Pinguim. Ao final daquele ano, após a mudança de direção do CA, a parceria não foi renovada.

Um ano antes, Pinguim havia começado a lecionar capoeira no Instituto Butantã e foi a partir destas aulas que estudantes da USP informaram ao contramestre sobre um espaço livre dentro da Universidade.

“Dentro do [Instituto] Butantã pintou uns alunos que faziam ciências sociais ali na História e Geografia. O grupo que treinava lá disse que acharam um espaço para mim dentro da Química (IQ), lá com os alunos. Falei ‘bora’ lá desenvolver”, comenta Pinguim.

Em 1998, com o contrato não renovado, iniciaram uma fase de ocupação dos espaços e se instalaram no subsolo do bandejão do Instituto de Química, que estava abandonado. “Teve essa briga e descemos lá para debaixo do bandejão, junto com rato. Vamos embora, estávamos precisando. Lá estava abandonado e, invadimos. Bora arrumar, os alunos se mobilizaram”, lembra o contramestre.

No final de 1999 receberam o primeiro pedido de reintegração de posse.

“O oficial de justiça já tinha o nome de todos os ocupantes. O Pinguim encabeçava essa lista. Nós fomos negociar com os representantes da Universidade e saímos mediante o encaminhamento de um espaço, mas isso não aconteceu”, relata Thiago Marcelo Mendes, que em 1997 foi um dos primeiros alunos de Pinguim após ver um cartaz que achou engraçado com um gatinho



Foto: Elcio Silva

preto e um pinguim. Hoje é membro do conselho deliberativo do Núcleo.

Os Guerreiros de Senzala ficaram cinco meses sem uma sede, mantendo os treinos dentro da USP a céu aberto, mas devido a exposição ao clima, muitos alunos deixaram de ir.

“Foi a primeira vez que nos organizamos. Pegamos um material que já tínhamos, conseguimos o apoio do [Centro de Estudos Africanos \(CEA\)](#) da USP, através do professor Serrano [Carlos Moreira Henriques Serrano, docente aposentado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e ex-diretor do CEA], e também do Sintusp [Sindicato dos Trabalhadores da USP] e do DCE [Diretório Central dos Estudantes]. Um dos dossiês que fizemos chegou ao Núcleo de Consciência Negra por um pessoal que treinava conosco. Eles fizeram uma reunião e nos falaram: ‘A gente tem a chave de um

espaço nos barracões que não estamos usando’. Eles já tinham um outro barracão, mais central [local onde hoje fica o Centro de Difusão Internacional da USP]. Fizeram meio assim com a chave [mostra a o braço esticado à frente do corpo como se estivesse dando algo]. A gente pegou e veio”, conta Mendes.

Entraram neste local em 2000 e encontraram muito entulho e bichos, mas olharam para o espaço e não para o lixo. Começaram um processo de ocupação gradativo, sala por sala.

No final de 1999 iniciam um trabalho voluntário na FEBEM [atual Fundação Casa] e depois foram contratados junto com o Ballet Stagium, da bailarina e coreógrafa húngara Marika Gidali. Foram cinco anos trabalhando lá e na USP. Além de Pinguim e Thiago Mendes, outros cinco professores do Núcleo trabalharam lá.



Contramestre Pinguim faz demonstração observando movimentação de aluno.

Foto: Elcio Silva

Com a chegada de um novo pedido para desocuparem o espaço em 2004, se organizaram e prepararam mais um dossiê com os trabalhos realizados.

“Fomos atrás de pessoas que pudessem nos orientar ou apoiar a gente. Tudo na Universidade se respeita quando o professor encampa, entende? Fomos atrás de professores de peso. Um deles era o professor João Batista Borges Pereira”, destaca Mendes. João Batista foi o primeiro doutor em antropologia pela USP e diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP em duas ocasiões. Atualmente, aos 90 anos, é professor emérito.

Depois da conversa e com o apoio do respeitado professor, foram orientados a procurar a PRCEU com o dossiê. Após análise, o material apresentado caracterizava a natureza das atividades como compatíveis com a dos Núcleos de Apoio às Atividades de Cultura e Extensão (NACEs). Para formalizar o pedido, um conselho precisava ser formado por 60% de docentes.

“Conversamos com o professor John [Coward

Dawsey] e ele aceitou ser o coordenador do Núcleo. Os outros professores compuseram o conselho, mesmo sabendo que o Núcleo já vinha de uma trajetória.”, diz Mendes. “O Núcleo nasce de um trabalho e não de uma ideia. Isso é um grande divisor de águas. A maioria dos NACEs são formados a partir de uma ideia e o nosso já começou a trabalhar sem querer ser NACE, era o Guerreiros de Sensala, escondidinho no cantinho para a USP não ver a gente, uma coisa do quilombo, do matuto do mato”, completa.

John Cowart Dawsey é professor do Departamento de Antropologia e sua linha de pesquisa é em antropologia das formas expressivas, nas interfaces entre antropologia e teatro. Para ele, o Núcleo de Artes Afro-Brasileiras é um dos lugares de produção de saber mais significativos da USP.

“Saberes vitais fazem parte de repertórios corporais. Eles se aprofundam na memória do corpo e se alojam na experiência para constituir um acervo de experiência coletiva. Muitos desses saberes correm riscos de cair no esquecimento. Daí, a importância de lugares como o Núcleo de Artes Afro-Brasileiras e

“O Núcleo se constitui como um espaço de diálogo entre saberes. No contato com as artes afro-brasileiras o conhecimento acadêmico se renova, se amplia e torna-se mais agudo.”

Professor John Cowart Dawsey, coordenador do núcleo de Artes Afro-Brasileiras

dos grandes mestres do saber popular, como o Sr. Luiz Antônio Nascimento Cardoso, o Mestre Pinguim. O saber muitas vezes surge de lugares surpreendentes e o Núcleo é um destes lugares na USP”, destaca Dawsey.

Em 31 de outubro de 2007 foi criado o Núcleo de Extensão e Cultura em Artes Afro-Brasileiras. De lá pra cá, seguem as regras de manutenção dos NACEs com relatórios periódicos das atividades para a prorrogação do vínculo. Atualmente esses relatórios são bienais.

Quase todas as melhorias realizadas no local foram feitas pelos alunos e professores. Até hoje, fazem um mutirão anual de pintura e pequenos reparos, pois os NACEs não possuem dotação orçamentária da USP. A exceção ocorreu em 2017, quando o Núcleo foi processado administrativamente por descarte irregular de lixo. Em função do processo, seus membros apresentaram um dossiê de trabalho para a Superintendência do Espaço Físico (SEF) da USP. O então superintendente, professor Oswaldo Nakao,



tomando conhecimento do que era realizado ali, acabou encaminhando o processo para extinção e conseguiu ainda realizar a troca do telhado do espaço ao saber que esta era uma necessidade importante.

Thiago Mendes considera a estrutura abaixo do ideal e acredita que o local poderia ter mais atenção. “Apesar da estrutura não ser adequada, para nós está bom, poderia ser melhor, claro, a USP tem condições para isso. Entretanto, questionamos quando chegam decisões verticais, “você vão ter que fazer isso”. Por que ninguém vem conversar conosco para saber as nossas opiniões e necessidades? Nós também pensamos, possuímos propostas concretas, trabalho de peso. Sabe aquela coisa Levi Strauss, tão perto e tão longe, ‘o que é longe é legal’.”

Ao fundo do espaço tem um jardim com algumas plantações como se fosse uma chácara, um local interiorano no meio do campus Butantã. “No fundo é legal para a natureza do nosso trabalho, porque a gente produz som, vai até nove, dez e às vezes meia-noite. Aqui tem esse isolamento. (Escuta-se alto o som dos pássaros) Precisamos de um quintal, como falei é uma zona rural, tem pé de cabaça plantada aqui. É um lance interessante, juntou a localização com a natureza do trabalho e do espaço”, pontua Mendes.

Mestre Gato Preto

“Mestre Gato além de capoeira é o melhor tocador de berimbau do mundo. No duro. Primeiro prêmio no Festival de Arte Negra realizado em Dacar, concorrendo com doze países. E, o que é mais importante, primeiro lugar como tocador de berimbau no Festival de Folclore promovido em setembro em Salvador, quando concorreu com os cobras de nossa terra, que modéstia à parte, são bem melhores que os africanos. Aliás nem o berimbau nem a capoeira existem na África. É nosso mesmo, como é nosso o Mestre Gato.”

O trecho acima foi retirado da reportagem “Mestre Gato: Um berimbau de ouro”, de Cristina Cardoso, feita em 13 de outubro de 1970 para o Diário de Notícias, antigo jornal de Salvador que circulou até o final da década de 1970. No texto ela destaca a habilidade de Gato Preto como exímio capoeirista e também com o instrumento que lhe concedeu o título



Movimentos são treinados com dedicação e disciplina.

de berimbau de ouro da Bahia. Na ocasião, ele venceu os também conceituados mestres Vermelho e Canjiquinha no antigo ginásio de esportes Antônio Balbino (Balbininho) em Fonte Nova – BA.

Cristina exalta também a conquista do primeiro prêmio por Gato Preto no I Festival de Arte Negra de Dacar, promovido em abril de 1966 pelo presidente senegalês Léopold Sédar Senghor. Além de Mestre Gato, o Itamaraty levou na delegação brasileira mestres consagrados como Pastinha, Roberto Pereira (Satanás), Gildo Lemos Couto (Alfinete), Camafeu de Oxossi e João Grande, e importantes artistas como Paulinho da Viola



Foto: Elcio Silva

e Clementina de Jesus e no candomblé a lalorixá Olga de Alaketu.

Mestre Gato Preto é retratado em inúmeras reportagens de jornais conceituados como Correio Braziliense, levando a capoeira e outras artes negras para os mais diversos lugares do Brasil e do mundo. A referência ao importante capoeirista tradicional, que morreu em 6 de agosto 2002, aos 73 anos, tem ligação direta com as atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Artes Afro-Brasileiras da USP, pois foi a partir de diretrizes que ele julgava importante que o contramestre Pinguim se pautou na maior universidade da América Latina.

Pinguim conheceu Gato Preto a partir de um trabalho que realizava em 1991 com o bailarino e coreógrafo Firmino Pitanga, da Cia de Dança Negra Contemporânea Batá-Kotô. Pitanga convidou Gato Preto para coordenar a capoeira, algo que ele não orientava na dança. A partir daí, Pinguim foi convidado para tomar conta da academia do mestre no Sesc Ipiranga. Lá permaneceu até 1997. A partir de 1996, ministrou concomitante aulas no Instituto Butantã, migrando para a USP no ano seguinte.

José Gabriel Góes, nasceu em 19 de março de 1929 [apesar de alguns sites informarem que o ano é 1930, seu filho confirma a data] em



Pinguim reverencia o berimbau.

Foto: Elcio Silva

Santo Amaro da Purificação - BA, região do Recôncavo baiano, local considerado o berço da capoeira por José Souza Góes, o mestre Zeca, seu segundo filho.

“Ela nasceu no Recôncavo da Bahia. Mestre Felipe canta uma música muito boa que diz “Eu não vi capoeira nascer, só ouvi o mais velho falar, capoeira nasceu na Bahia, cidade de Santo Amaro”. Meu pai também falava a mesma coisa. Se o pessoal falar de outro lugar vai ter que provar”, afirma Zeca.

Gato Preto aprendeu capoeira dos 8 aos 12 anos com seu pai Eutíquio Lúcio Góes, o mestre Eutíquio, que aprendeu com seu avô, o

africano Oleriano de Góes. Já em Salvador, teve muitos mestres como Pastinha, Cobrinha Verde e Valdemar, mesmo já tendo sua academia na Rua Marques de Leão, 54, aos 17 anos [atual Avenida Almirante Marques de Leão - Barra - Salvador - BA], assim que chegou a Salvador. Da herança familiar vinda desde os anos 1800, ensinou seus quatorze filhos. Os mestres Sinésio Souza Góes (Mestre Góes) e Zeca seguiram seu legado.

“Não foi porque montei academia que deixava de ir na academia dos mestres. Eu ia pra Pastinha, pra mestre Valdemar. Achava que sabia muito pouco. Já tinha passado por mestre Eutíquio, meu pai, por mestre Leó, por mestre Antonio e por mestre João Catarino, meu tio, mas para mim ainda era muito pouco, ainda tinha muita coisa pra aprender então eu vim pra cá [Salvador] e comecei o meu xirê [aprendizado que não tem fim]”. O trecho foi extraído de entrevista concedida por Mestre Gato para o capoeirista Dorado Cajueiro, disponível em [sound cloud](#).

Contramestre Pinguim

O trabalho do contramestre Pinguim começou antes de conhecer Mestre Gato, mas foi a partir do encontro deles que isso amplificou. Em material em vídeo do Núcleo de Artes Afro-Brasileiras disponível no [vídeo](#), Pinguim conta como foi um dos primeiros encontros com o mestre:

“No começo de 1991 eu fui trabalhar em uma Cia. de dança, o Batá-Kotô, com projetos sociais na zona sul. Eram 25 crianças. Das 8h30 ao meio-dia, horário que elas estavam no colégio. Estou lá junto com as crianças,

“Jigoro Kano, inventor do judô, diz que aquele que fala que sabe não começou nem a aprender. Está na hora de começar a aprender e isso serve não só para o judô, mas para todas as áreas do conhecimento, seja na capoeira, no candomblé, na faculdade, onde for.”

José Souza Góes, mestre Zeca

suando como cuscuz no meio, mas eu gostava disso. Aí chega mestre Gato, Pitanga e Cláudio. Já chegaram 11 horas, no final, hora dos meninos irem embora. Eu suando. Daqui a pouco mestre Gato passa por mim, “Tá errado Pinguim”. Já saí de casa de manhã, não tomei café direito, tô aqui e vem falar que estou errado, chega essa hora. Naquele momento eu me calei. Não dei contragolpe. Você não pode dar contragolpe a toa. Então você aceita isso. “Mestre faça o favor, o que estou fazendo de errado?” Como professor você não pode ficar no meio dos alunos pulando. Foi a primeira lição que tomei de um mestre antigo, não do meu primeiro mestre. Ele nunca tinha sentado comigo e falado: é isso, é isso e isso”.

Mestre Zeca relata que seu pai vinha para São Paulo para disseminar o conhecimento de capoeira e teve um apreço muito grande por Pinguim.

“Ele tava vindo para São Paulo porque queria alastrar, disseminar o conhecimento, e uma das pessoas que viu jogando foi o mestre Pinguim. Eu chamo de mestre porque ele é mestre por aclamação. O mestre hoje tem que ter papel e ele pode não ter, mas tem um trabalho de responsabilidade, inclusive uma responsabilidade social muito grande. Então, vendo o esforço desse menino, chamo assim

porque tenho filho de 40 e poucos anos, já tenho 64 anos [agora 65]. Meu pai viu o esforço e decidiu investir nele. Hoje estamos vendo aí, a sociedade e a comunidade está vendo o quanto ele vale”, destaca Zeca.

As aulas na USP são realizadas desde 1997, mas o contramestre comenta que é preciso ter paciência, pois é desenvolvido também o lado espiritual.

“É paciência. Estamos desenvolvendo a espiritualidade, isso é o mais difícil. É uma dança falsa, essa malandragem, essa astúcia, qual é a cara da manha. É outro tempo, é outra ética. O capoeirista sabe a lei da lealdade e essa lealdade é com seus camaradas, então a gente convive junto. O trabalho dentro da universidade está precisando de ajuda, somos monitorados. O que desenvolvemos aqui é cultura oral, é uma universidade paralela e todo dia você está estudando”.

De acordo com Mendes, Pinguim realiza algo pioneiro na USP, sem recursos, e deveria ser mais valorizado.

“É um espaço que um negro conseguiu montar na universidade que é muito importante, e ela talvez não valorize o quanto deva. É um espaço às margens, um quilombo,



Espectáculo Cacimba de Aruanda, FMUSP, 2013.

Foto: Shin Shikuma

mas está aí, produzindo e produzindo. Não é essa produção concorrência para o currículo lattes, não produzimos números, produzimos seres humanos, mais tolerantes, mais conscientes”.

Pinguim recebeu o título de contramestre de capoeira em 2001, em Salvador, entregue por Mestre Gato no terreiro da nação Gegê, Zogodô Bogum Malê Rundó, o Terreiro do Bogum.

O coordenador do Núcleo, professor John Dawsey, cita a importância de se reconhecer o trabalho realizado em mais de 20 anos.

“É imprescindível o reconhecimento pela USP do valor desse espaço e das atividades ali desenvolvidas ao longo de mais de vinte anos. Em destaque, a figura do Mestre

Pinguim, um mestre do saber que merece um reconhecimento com título de doutor.”

Para Pinguim o trabalho de capoeira é de vivência com seus camaradas.

“Cada um sente, canta e se expressa de um jeito, o grande lance é a tolerância com a humanidade, o resto é a memória africana, herança tupiniquim, africana e dos imigrantes também. Essa hereditariedade tradicional, essa manifestação, esse gingado de corpo, essa literatura que a universidade está estudando e a técnica. Tem que desenvolver o espírito do aluno. Você chega na sala de aula e tem uma relação conforme vai vivenciando e observando, é um cuidando do outro. Uma relação meio familiar dentro da cultura, o resto é pesquisar quem são os mais antigos, cultura de base”, exalta o contramestre.



Ao centro, Mestre Zeca comanda o treino de bateria ao lado de contramestre Pinguim, à esquerda, e do capoeirista Thiago M

A capoeira

Capoeira é um termo tupi que significa mato ralo. Tem elementos característicos como o berimbau e o canto que narra causos. Quando entra determinado toque, os praticantes trocam o jogo, basta ser orientado para perceber os sinais, ensinamentos que Mestre Zeca pratica desde 1963.

“A capoeira não veio da África, quem veio da África foram os africanos. Chegando aqui, muito maltratados, se juntaram. E por quê que eles falavam que estavam brincando? Porque treinavam e uma pessoa vigiava para ver se aparecia alguém que não competia, porque capoeira é segredo. Meu pai sempre disse que o bom capoeirista é aquele que guarda um grande segredo. O candomblé sim, foi trazido da África, veio com as mulheres, com os homens. Eles andam juntos, o candomblé,



entes, à direita.

Foto: Elcio Silva

a capoeira, o samba de roda, o samba duro, estão no mesmo caminho”, explica o mestre.

No Núcleo, mestre Zeca desempenha uma função de apoio nos trabalhos realizados. Procura trazer um pouco da bagagem cultural aprendida em mais de 50 anos como capoeirista.

“O meu trabalho aqui é de apoio. Vivi muito tempo ao lado do meu pai, pelo fato de ele ter academias muito boas. Os mestres antigos se faziam presente, levavam muita sabedoria.” Para ele é necessário ouvir as pessoas mais velhas porque a firmeza do pensamento está lá atrás. “Nas academias tinha sempre uma criança que ficava ao lado do mestre, chamada de mascote. Apesar de ser criança tinha o conhecimento necessário para atender o mestre que chega. Ele era o linha de frente para mostrar a conduta da academia. Eu como mascote tive acesso a esses homens com grande sabedoria. Mestre Pastinha, Bigodinho, Paulo dos Anjos, Caiçara, Canjiquinha, Guardino, Didi Cabeludo, N mestres”, lembra o agora mestre Zeca que se tornou mascote entre 1967 e 1968, quando tinha cerca de cinco anos de treinamentos.

O mestre acredita que não se pode correr dos fundamentos. “O pessoal está modernizando demais e hoje tem capoeira isso, capoeira aquilo e acho que saiu muito do caminho. Eu vejo que a base é o princípio das coisas. Existe uma necessidade que considero crucial que é voltar a praticar o que se fazia lá atrás. Se procurarmos sempre encontraremos alguém que saberá indicar como era praticado na década de X, o que pode levar você ao caminho de retorno”.

A dedicação aos estudos em capoeira pode levar 30 anos ou mais para chegar ao posto de mestre, título conferido pelo reconhecimento dos mais antigos mestres capoeiristas. Para ser contramestre, pode levar ao menos 20 anos, a designação é postulada pelo mestre responsável pelo grupo.

“Capoeira não é só luta, é memórias, herança, tradição, oralidade, cultura, coisa de espírito. A base para desenvolver é dez anos, entender o que é prática, o que é teoria, o que é técnica, aprender maldade, mas para sair dela”, informa Pinguim.

O respeito aos velhos mestres

A chegada de um mestre a uma academia é recebida com um código em sinal de respeito para com aquela autoridade que visita os treinamentos de outro mestre. O toque do berimbau alerta os alunos para que prestem a devida homenagem ao visitante.

Para José Souza Góes (mestre Zeca), é uma reverência e um aviso para que se posicionem. “Quando chega alguém graduado você pode estar tocando Angola, São Bento Grande e Jogo de Dentro ou Angola, São Bento Grande e Angolinha, o que o trio estiver tocando, assim que o mestre chegar na porta tem que descer para luna [toque]. Dependendo da sua idade e do tempo de capoeira, desce o berimbau lá embaixo e interrompe o toque até ele passar na frente da bateria, só aí que levanta.”

O canto também representa uma conversa entre os mestres. “Eu chego na sua academia e sou bem recebido, o berimbau para ou então dobra. Muda o toque com o intuito de que saibam que está chegando alguém. Você me dá o berimbau, normalmente o gunga berra-boi que é o berimbau de frente. Sabe qual é a minha obrigação de cantar?”

Ginga, sequência, entrada, saída, tempo, contratempo, visões, espaços usados no chão. Para quem olha uma roda de capoeira não imagina a infinidade de estudos que os camaradas precisam ter para se aperfeiçoar.

“Capoeira é geometria aplicada. É como se fosse o Picasso fazendo a Guernica. A gente trabalha em cima do espaço triangular. Tudo em cima de desenho de chão. Quando não está no chão está na cabeça. Tem desenho da roda, de entrada, área de fuga, de saída normal. A visão de baixo para cima representa a sua guarda. Se estou gingando com você, todo golpe quando vou descer tem um ponto cego. Eu olho por debaixo da perna para não perder a sua movimentação, pois pode entrar e bloquear um movimento meu. Quando dou um golpe e seu contragolpe vai muito dentro, pode me machucar, assim, preciso entrar com outro contragolpe e neutralizar o seu”, analisa mestre Zeca.

Como vai, como está?
Camugerê!
Como vai vosmecê?
Camugerê!
Cê tá bem de saúde?
Camugerê!
Eu vim aqui te ver.”

Zeca explica que essa é uma antiga tradição. “É obrigação minha, estou tratando você como fui tratado, perguntando como é que você está, se está bem de saúde, ‘pô’ eu vim aqui lhe ver. Normalmente se fazia isso, mas hoje está meio diferente, as pessoas estão fazendo outro tipo de coisa, mas era bom que continuassem com isso”, lamenta.

A entrega do berimbau para os mestres é realizada como se estivesse em uma bandeja. “O pessoal está entregando o berimbau em pé ao mestre, não pode, não deve. Você está servindo quem está chegando, então pega o berimbau, deita na mão e entrega ao mestre, como se fosse uma bandeja. O mestre pega e toca o que ele quiser, o que ele tocar está bom. Você passou a autoridade pra ele, ali é o cetro, é a caneta que está na mão dele, o que ele assinar, assinou”, exalta mestre Zeca.

São diversos tipos de jogos dentro da capoeira que enriquecem o trabalho dos praticantes e resgatam a memória. “Hoje as pessoas não estão mais jogando a capoeira Angola, aquele jogo de Angola; de São Bento Grande; de Banguela ou Benguela; o de luna que é jogo de morte; o de Cavalaria em que a disposição da roda é alternada; o de Samba de Angola, um jogo diferenciado com navalha, aquele molejo; o jogo de Dentro tem segredos e mais segredos. Estão esquecendo dessa prática e tirando a riqueza que a capoeira tem”, lamenta Zeca.

O contramestre Pinguim compara a capoeira a uma escola que não fornece diploma. “Dentro da capoeira tem hora que você tem que ficar [Pinguim para e fica em silêncio por um instante], baixe a guarda, seja observador, orador, aluno, discípulo, depois vai ser contramestre e pronto. A capoeira é uma universidade que não lhe dá diploma, ela lhe passa pronto, não lhe dá o certificado

e não tem férias, ela não lhe forma, porque o escravo não teve formatura, ela lhe deixa pronto. É falsa, astuciosa, malandriada e para enxergar isso você precisa entender qual é a cara da falsidade. Tem que aprender tudo. Respirou, você observa melhor, escuta melhor, se posiciona melhor, vê se o que está vindo na sua frente está na maldade. O olhar só se encontra uma vez e você já percebeu. Não foi eu que escolhi a escola, a escola que me escolheu, não foi eu que quis a escola, a escola é que me quer.”

O Berimbau

A bateria de capoeira é composta de três berimbaus. O Gunga ou berra-boi, o médio e a viola. Eles são complementados por pandeiro, reco-reco e agogô, ao todo são sete. Alguns grupos optam por usar também o atabaque. O berimbau é composto por uma vara de madeira envergada, um fio de aço, uma cabaça que funciona como caixa de ressonância, uma pedra ou uma moeda (dobrão) que pressiona o fio, uma baqueta de madeira e um caxixi.

“O berimbau em minha concepção não é só um instrumento, ele é um maestro com a batuta que emite som. São três berimbaus, normalmente na capoeira Angola. A Regional, instituída por mestre Bimba, trabalha com um só. Cada um deles existe para fazer uma determinada coisa. Depois dos três berimbaus, vem dois pandeiros, um trabalha direto e outro mancando. Depois vem reco-reco e agogô que chama-se gã. Todos eles trabalham num nível só. Você começa jogar a capoeira e ela começa jogar você, há uma inversão de valores e parece que sai do chão, você entra num transe, algo que é inexplicável, só sentindo pra ver”, fala mestre Zeca.

Questionado sobre a ligação com a espiritualidade o contramestre Pinguim destaca que é um transe diferente.

“É um espírito de luz que não vem em terra, você sente ele, você entra num transe, não do candomblé. No candomblé o vento vem em terra e usa o cavalo [nome dado ao médium], aquela matéria. A capoeira não incorpora, você entra nesse transe consciente, essa percepção onde a música lhe leva. Na umbanda tem um cavalo só e vem não sei quantos ventos, no candomblé, o Orixá e o

Erê. Na festa de Caboclo, o Caboclo e o Erê, a criança está sempre junto. Tem toda essa relação da vibração dos toques e na hora certa se chama. Os instrumentos têm essa ligação com o universo paralelo, coisa da gente que não sabemos ainda. É algo que precisamos desenvolver, assim como o toque, para entender essa relação, o poder da música”, destaca.

Instrumento genuinamente brasileiro, assim como a capoeira, é muito difícil não associar uma roda ao ouvir o som característico do berimbau. É ele que dá o ritmo e também as fases do jogo.

“Capoeirista tem que ser completo, saber pegar uma folha, trabalhar a confecção de berimbau e isso leva um tempo, uma trajetória, um processo em que precisa ter convivência.”

Thiago Marcelo Mendes – capoeirista e membro do conselho do Núcleo de Artes Afro-Brasileiras

“O berimbau é de barriga, já nasceu aqui. É um instrumento bamba, sacro. O som é de sino. O formato é africano, mas a cabaça é no meio, genuinamente brasileiro. O jeito dele é feminino, tem todo aquele quadril envergado. O berimbau é sagrado onde você vai. Os eguns [nas religiões de matriz africanas, significa os espíritos desencarnados] “tum tum”, você vai perceber essa conversa de ancestralidade”, explica Pinguim.

Gunga ou berra-boi é o berimbau com o

som mais grave, o médio é um pouco mais agudo e a viola ou violinha é bem aguda. Eles desempenham funções específicas na bateria. Tocado normalmente pelo mestre, o gunga inicia, controla a marcação do ritmo e finaliza a roda, o médio toca as notas inversas e as vezes fica entre marcação e improviso, já a viola ou violinha repica, dobra o toque principal e está sempre improvisando. O ritual é composto por ladainha, salva e corrido, nesta ordem.

“Sem berimbau não existe capoeira, sem capoeira existe berimbau. Se o pessoal passar lá fora ninguém sabe que estão treinando capoeira, mas se tivesse tocando berimbau, mesmo que não estivessem, lá de fora pensariam que estão jogando. É um material de comunicação, ele é o cara do recado, o menino propaganda. Berimbau tem essa função”, informa mestre Zeca.

A função de comunicação do berimbau era muito utilizada pelos escravos como sinal de alerta. Muitos desses códigos estão até hoje inseridos nos toques, nos cantos e nos

movimentos.

“O berimbau esconde a história do Brasil, da cultura negra e não se fala. Se tivesse a disciplina capoeira ou berimbau nas escolas, nós teríamos muitas questões. Desde o 2 de julho na Bahia [independência da Bahia], a revolução lá, o pau quebrou no Recôncavo. Tupinambá ‘dando pau’ em todo mundo com os negros querendo sair da senzala e meter fogo no engenho. O povo não conta”, questiona Mendes.

Para ele o berimbau é um instrumento que tem muito a dizer. “A cultura está aí para ser acessível, mas não é todo mundo que vai ter o acesso até o final, depende muito da sua trajetória, da sua busca. Ele vai desde um instrumento usado para aviso, da cavalaria, é o vigia. O toque mudou, você já sabe, os homens estão vindo. Traz o mantra, o lamento, a ladainha, depois vai para a salva “lê”, começa no corrido e o corrido vai balançando um pouco mais, não pode começar do fim, tem todo um ritual”, completa.



Contramestre Pinguim e as crianças do projeto Angol'ERÉ.

Foto: Acervo Núcleo



Da esquerda para a direita, contramestre Pinguim e professor John Dawsey.

Foto: Acervo Núcleo

O intercâmbio cultural na Bahia

A filosofia de Mestre Gato foi assimilada pelo contramestre Pinguim e, ao seguir para o Recôncavo baiano, foi apresentado para inúmeras pessoas que o mestre julgava importantes para quem quer ser bom capoeirista.

“O que estamos fazendo não é pesquisa, é uma narrativa que está viva, essa oralidade está moderna.”

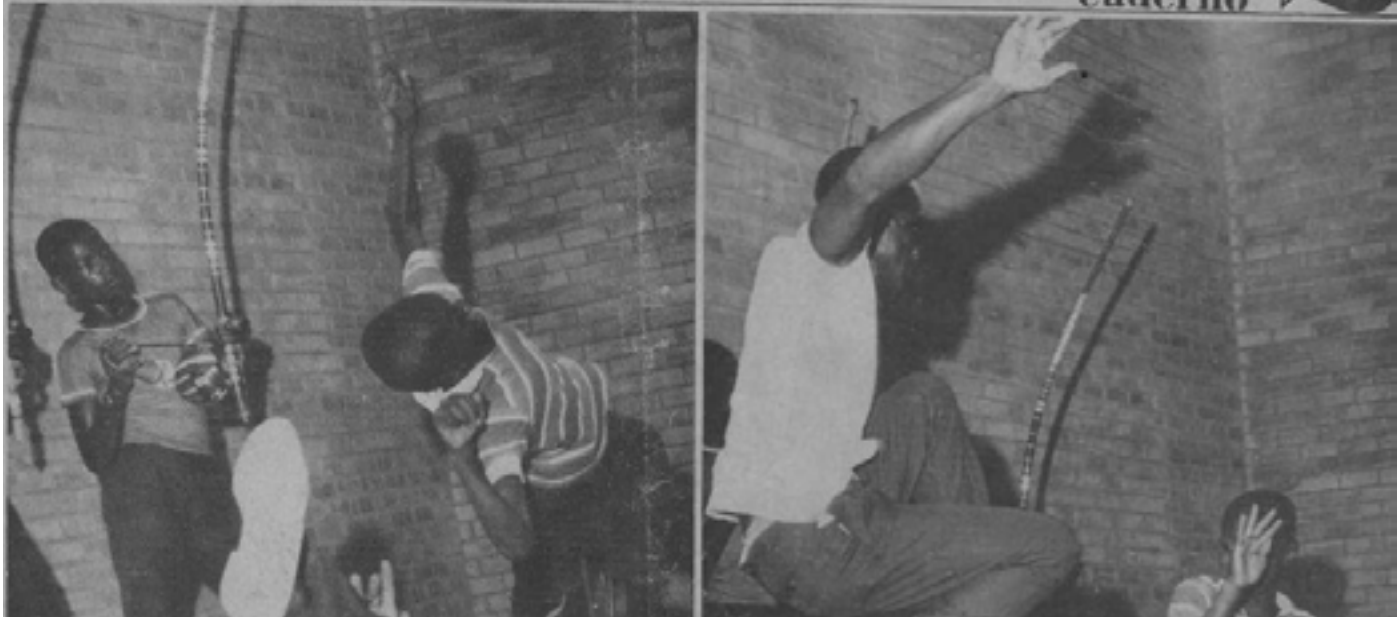
Luiz Antonio Nascimento Cardoso - contramestre Pinguim e diretor artístico do Núcleo de Artes Afro-Brasileiras

Segundo Pinguim, era importante conhecer o lado cultural da história oral contada na voz dos antigos capoeiristas e também de outras artes que estão interligadas, como maculelê, samba de roda, puxada de rede, e também o candomblé.

“São coisas que ele deixou para a gente ver, para podermos ir lá [Recôncavo baiano] e conversar, ele mostrou e fomos entender ter uma relação com isso, para termos a nossa narrativa e não a dele. Ele teve a dele e nos colocou para conversar com esses sambadores, com essas lalorixás, com essa gente que é descendente, para entender esse universo. O universo onde é o espírito, o contato com seus ancestrais”, relembra Pinguim.

Desde 1999, os alunos do Núcleo de Artes Afro-Brasileiras visitam anualmente o Recôncavo baiano para um intercâmbio cultural, que traz possibilidades de vivências contadas pela tradição oral. Eles também trazem importantes mestres e mestras da Bahia para o espaço do Núcleo na USP.

“O braço da ação é o Pinguim e nós, mas todas essas possibilidades de intercâmbio, de



Reportagem do jornal Correio Braziliense, de 26-03-1969, traz Mestre Gato e seu filho Sinésio Souza Góes (Mestre Góes) em exibição de capoeira. Fotos de Teobaldo Santos.

trazer esse pessoal, esses parentes para cá, de trabalhar a capoeira na sua amplitude e não sua simplificação, na sua potencialidade maior foi responsabilidade do mestre Gato. Ele deu todas essas diretrizes e depois nós fomos colocando os tijolos, mas os caminhos ele apontou”, revela Mendes.

A partir destes encontros os alunos passaram a vivenciar um lado da capoeira diferenciado, além das rodas, do jogo. Lá fizeram muitas parcerias com a Casa do Samba, com o terreiro do Bogum, entre outros locais.

“Fizemos parceria com a Casa do Samba, com o Candomblé, com a música, com Dona Nicinha, essa mulher que mantém o samba de roda e vem da família de mestre Popó. Tem também Joalice, lá de Acupe [BA], uma mulher que toma conta de não sei quantos homens. Há uma relação lá com o Gegê [terreiro], Dona Iracema, a lalorixá mais nova lá. Mãe Edinha, lá da Entrada da Pedra [BA], que cuida de muitas filhas, sozinha, faz tudo. As lideranças são todas mulheres”, diz Pinguim, ressaltando que desses encontros houve uma necessidade de ter um lugar para desenvolver isso.

Questionado sobre como traz isso para São Paulo, ele descarta. “Eu não tenho pretensão nenhuma. A pretensão aqui era ter um espaço para desenvolver um trabalho de capoeira, de

cultura. Nada disso foi projetado, nada disso foi ambicioso. Você não é dono de terra mas está zelando, só que tem que fazer direito. Mestre Gato falou pra mim. “Nós somos obrigados a fazer direito Pinguim, minha família é disso, de ancestralidade dentro de Santo Amaro, fomos pra Salvador, viajei pra Europa e meus filhos estão aqui, então nós temos que fazer direito, o caminho é esse”. O xirê é o começo, o meio e não tem fim. A cultura é isso, o começo, o meio e depois é o aprendizado, o iaô.”

No documentário 15 Anos de Senzala, lançado pelo Núcleo em 2015, mestre Gato Preto relata a importância do intercâmbio com os antigos do Recôncavo baiano. “Colônia Aliança, Usina Santa Elisa, São Bento de Inhatá, Muraê, Banga, Capanema, São Braz, Santo Amaro, Acupe, Vila de São Francisco, Saubara, Itapema. Se cair dentro daquela região toda ali, aprende mesmo. Ficar aqui só fazendo esses cursos, tudo bem faz com Pinguim, cinco, seis anos. Você pensa que sabe de capoeira, não sabe não. Você é observador da capoeira, não é capoeirista.”

A casa Ajagunã, em construção no município de Dias D’Ávila - BA, passa por uma fase de financiamento coletivo para angariar fundos para a construção e viabilização do espaço cultural e educacional. O nome vem dos orixás Ogum e Oxaguiã.

“É Ajagunã, Ogum e Oxaguiã, os dois guerreiros que andam com a espada para trazer a paz, entram na guerra para trazer a paz. Isso é a identidade para saber que são guerreiros, como poderiam ser também guerreiros épicos, de Atena. Vai vir agora uma exposição dos faraós negros, uma múmia negra, nessa relação o Egito era branco? Tem umas coisas que estão mal contadas, a gente não briga, não discute, mas precisamos achar uma forma de não se esconder atrás delas”, comenta Pinguim.

A relação acadêmica

A relação do saber oral com a academia tem trazido muitos frutos para pesquisadores em uma troca constante com as atividades desenvolvidas pelo Núcleo.

O professor John Cowart Dawsey destaca a interação entre professores e alunos com as atividades, com constante estímulo para a pesquisa.

“A experiência em salas de aula e grupos de pesquisa se enriquece com os aprendizados adquiridos no Núcleo. Embora se encontrem em narrativas orais e saberes corporificados, ganham expressão em arquivos escritos e audiovisuais, e inspiram dissertações e teses. Por meio do Núcleo, a USP se abre para conhecimentos que vêm de manifestações culturais afro-brasileiras: capoeira angola, maculelê, dança afro, percussão, e samba de roda. Várias teses e dissertações orientadas por membros do conselho levam as marcas da experiência no Núcleo de Artes Afro-Brasileiras.”

Apesar do conselho ser composto em sua maioria por docentes, Dawsey ressalta que as propostas de atividades surgem por quem vivencia a cultura afro-brasileira.

“Há um diálogo constante e os eventos são planejados e organizados em encontros dos membros do conselho com a coordenação e direção artística. Porém, é importante ressaltar que o Núcleo nasceu da iniciativa de alunos, funcionários e pessoas diretamente envolvidas nas artes afro-brasileiras, que criaram com Mestre Pinguim uma força para a realização dessas atividades. O Núcleo, tal como a capoeira, nasceu do chão da USP e a maioria dos eventos nascem de proposições feitas pelas pessoas que vivenciam em seu cotidiano

as artes afro-brasileiras.”

Além dos estudantes da USP e de outras universidades brasileiras, pesquisadores de outros países já estiveram presentes nas atividades do Núcleo. Richard Schechner, da New York University, Richard Bauman, da Indiana University, Jean-Marie Pradier, da Université Paris 8, Johannes Sjoberg, da University of Manchester, e Paulo Raposo, do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa são alguns exemplos.

Para o capoeirista e conselheiro Thiago Mendes o trabalho realizado e a orientação do contramestre Pinguim representa um marco para a concessão do título de doutor honoris causa pela atuação distinta nos campos cultural e social.

“O Pinguim é um grande sobrevivente do sistema racista brasileiro e ao mesmo tempo é um cara que mesmo não sendo professor oficial da USP consegue orientar de uma forma muito eficaz, não só poética, mas dá os caminhos e elementos para pessoas que fizeram aqui vários trabalhos de dança, de cinema, de teatro, de sociologia, de antropologia, de educação, de física. É uma pessoa que, apesar de ter pouca idade, conseguiu com o tempo montar um trabalho muito sólido, a meu ver já caminha para ser um doutor honoris causa na USP”.

Para conhecer

Núcleo de Artes Afro-Brasileiras

📍 Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, Travessa 5 - Bloco 28, Conjunto dos Barracões, Cidade Universitária, São Paulo – SP

Para participar das atividades não é necessário inscrição, basta seguir até o local e se informar sobre novas turmas ou entrar em um trabalho em andamento.

🌐 sites.usp.br/nucleoartesafrabrasileiras

Entrevista

Mikiya Muramatsu, professor do Instituto de Física e coordenador do programa Arte e Ciência no Parque

Por: Michel Sitnik

Professor Associado Sênior do Instituto de Física (IF) da USP, Mikiya Muramatsu tem longa relação com a Universidade, onde ingressou em 1972 e concluiu o doutorado em Física em 1987. É na área da divulgação científica que encontrou sua grande paixão. São vários anos e muitas realizações pensadas especialmente para aproximar as crianças e jovens da ciência, sempre apresentando de forma lúdica e instigante os conceitos que explicam o mundo e o nosso dia a dia. Apesar de todas as dificuldades que essa área encontra, a trajetória do professor é um exemplo concreto de como interesse pessoal e dedicação conseguem promover transformações, vencer desafios e obter resultados positivos com o público.

Após uma intensa participação na Estação Ciência da USP, o professor tem se dedicado, desde 2006, ao projeto Arte e Ciência no Parque, que já levou exposições e oficinas de divulgação científica para mais de 100 mil pessoas.

Na juventude o que despertou seu interesse para ir para a área da Física? Sempre se interessou pelo assunto ou algo em especial atraiu seu olhar?

No ensino médio tive um excelente professor de matemática. Graças às suas ótimas aulas, eu ficava encantado com a estrutura lógica dessa disciplina e a física acabava ficando em segundo plano. Quando chegou o momento do vestibular, entrei no curso de Matemática da USP, mas com o tempo percebi que a física era uma ciência que abordava problemas mais concretos da natureza e então acabei fazendo a transferência de curso. Por ter nascido no



Professor Mikiya Muramatsu. Foto: Francisco Emolo

campo, quando adolescente até pensava em cursar agronomia, mas hoje vejo que a escolha pela física foi muito acertada e tive muita sorte no meu percurso acadêmico.

Desde quando começou a perceber a importância da divulgação científica?

Esse olhar eu comecei a ter mais tarde, bem depois da minha conclusão na Licenciatura em Física em 1969. Durante a graduação tive contato com projetos educacionais como o PSSC¹ e Projeto Harvard², que foram traduzidos e que inspiraram projetos nacionais como PEF (Projeto de Ensino de Física), FAI (Física Auto-Instrutiva) e Projeto Piloto (Unesco-Funbec). O contato com essas iniciativas teve um papel importante na minha formação porque com elas tive a percepção da importância que a experimentação tem para a aprendizagem da ciência e do papel da divulgação científica para os leigos, especialmente para as crianças. Lidando de perto com os estudantes, dava para perceber

¹ Projeto de Ensino de Física desenvolvido na década de 1950 pelo MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), com um grande grupo multidisciplinar que propôs um currículo mais desafiador e estimulante para os estudantes. Em 1996, o IBCC – Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura-Unesco, com apoio do Ministério da Educação e Cultura (MEC), trouxe o projeto para o Brasil.

² Projeto de física norte-americano desenvolvido por Gerald Holton, James Rutherford e Fletcher Watson nos anos 60 com o objetivo de organizar um curso de física humanisticamente orientado.

que era preciso traduzir a linguagem formal da academia para o público geral e para os alunos do ensino básico e isso era um grande desafio. Nesse contexto, participei de um projeto de produção de filmes didáticos em 1972, envolvendo professores do Instituto de Física (IF) e da Escola de Comunicações e Artes (ECA), com a orientação de Albert Baez, consultor científico da Enciclopédia Britânica. Esses filmes foram posteriormente testados nos cursos básicos da universidade e foram o tema da minha dissertação de mestrado: *Produção, utilização e avaliação de filmes didáticos de física*, apresentada em 1975, sob a orientação do professor Ernst Hamburger, pioneiro na área de pesquisa em Ensino de Ciências no país. Uma curiosidade é que esta foi a primeira dissertação de mestrado, junto com outros três colegas, defendida em um programa de pós-graduação interunidades de ensino de ciências. Este programa também foi criado pelo professor Hamburger nos anos 1970, envolvendo inicialmente o Instituto de Física e a Faculdade de Educação (FE) e, posteriormente, o Instituto de Química (IQ) e o Instituto de Biociências (IB).

“O desenvolvimento de qualquer nação exige mão de obra qualificada e especializada e, para isso, é urgente estimular as crianças de hoje para o encantamento com a ciência e a tecnologia.”

Qual a importância de despertar o interesse das crianças pela ciência?

Este é um ponto-chave, pois temos tido muita informação recentemente sobre um desinteresse geral dos jovens e crianças pelas carreiras ligadas à ciência e à tecnologia. É o que apontam levantamentos do Ministério da Educação e Cultura (MEC), da Organização

das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e de entidades diversas ligadas à educação. Isso não acontece só no Brasil. O Projeto ROSE (Relevance Of Science Education), aplicado em 45 países, mostrou uma tendência mundial nesse sentido. O problema é que o desenvolvimento de qualquer nação exige mão de obra qualificada e especializada e, para isso, é urgente estimular as crianças de hoje para o encantamento com a ciência e a tecnologia.

Conte um pouco das suas principais experiências em divulgação da ciência

Tive uma interação natural muito intensa com a Estação Ciência por mais de uma década, inicialmente pela minha proximidade com o professor Hamburger, que foi diretor da instituição por muitos anos. Colaborei ministrando e coordenando cursos de atualização para professores de física e ciências e realizei capacitação de monitores por diversas ocasiões, além de coordenar eventos comemorativos como Lanterna Mágica, em 1998 e o Ano Internacional da Luz, em 2014. Fui também vice-diretor de 2009 a 2011, quando a diretora era a professora Roseli de Deus Lopes. A última exposição que coordenei lá foi uma homenagem ao professor Crodowaldo Pavan, um dos criadores do local e responsável por inaugurá-lo em 1987, quando ele era presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Pavan foi uma pessoa com quem tive uma boa interação e juntos criamos a Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) “Associação Amigos da Estação Ciência (AAEC)”, sendo ele o presidente e eu o tesoureiro. O objetivo era realizar ações de divulgação científica e apoiar atividades educativas como exposições e festivais. Um exemplo interessante foi a realização do Festival de Ciência na cidade de Itapetininga (SP) em 2011, com a participação de mais de 2 mil alunos de escolas públicas da região, ou o Dia da Ciência no Parque Aquático Wet’n’ Wild, em Itupeva (SP), em 2018 e 2019. A AAEC também participou da montagem do Museu Escola Sabina, na cidade de Santo André (SP). Participamos da concepção e elaboração de grande parte dos experimentos desse museu, em parceria com o Atelier de Brinquedos Científicos.



Família durante visita à Virada Científica da USP.

Meu projeto mais recente de divulgação científica, ainda em atividade, foi o Arte e Ciência no Parque. A ideia foi inspirada numa frase do professor Hamburger. Ele sempre dizia que a cidade de São Paulo, pela sua dimensão, deveria ter uma Estação Ciência em cada bairro. Nesse sentido, o que idealizamos é uma proposta de ciência itinerante.

Como tem sido o desenvolvimento do Arte e Ciência no Parque?

A oportunidade de concretizá-lo surgiu em 2006, com o lançamento de um edital da Secretaria de Popularização e Difusão da Ciência e Tecnologia, ligada ao CNPq, cujo diretor na época era o Ildeu da Costa Moreira, atual presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). A proposta foi aprovada e o projeto começou a sair do papel, tornando possível fazer atividades de divulgação científica de forma lúdica, atraente e não convencional. O projeto possui hoje em seu acervo cerca de 60 experimentos de física, matemática e biologia (anatomia humana)

e oferece também oficinas de brinquedos e instrumentos, para ilustrar princípios da ciência.

Em 13 anos de atuação o projeto já atendeu mais de 110 mil pessoas, na maioria público escolar. Além de São Paulo (SP), já estivemos em lugares como Águas de Lindóia (SP), Manaus (AM), Vitória (ES), Natal (RN) e Campo Grande (MS). Já visitamos mais de 50 escolas públicas. O nome do projeto tem o enfoque em praças e parques, que era a ideia original, mas com o tempo, começaram a surgir pedidos de escolas públicas para a realização de atividades nesses espaços também e essa é uma demanda que só cresce, fazendo com que hoje os eventos no parque ocorram até mais esporadicamente do que nas escolas públicas. São sempre exposições combinadas com atividades, como as oficinas de caleidoscópios e lunetas, sempre apresentando e explicando os princípios da física que estão funcionando por trás de cada objeto.



Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Quais as principais dificuldades e desafios de militar nesta área de divulgação?

Sentimos no cotidiano deste tipo de trabalho uma nítida falta de apoio e reconhecimento institucional, inclusive de agências de fomento, já que não há muitos editais para essa área de atuação. Além disso, existe também um gargalo na formação de mediadores para atuar em centros de ciências e museus, que acaba sendo precária pela pouca oferta de disciplinas de graduação e pós-graduação na temática da divulgação científica. Acaba ficando este grande desafio para capacitar profissionais que possam atuar com jovens e crianças, em uma linguagem adequada e mantendo o interesse pelos fenômenos e conceitos da ciência.

No caso do Arte e Ciência no Parque, o projeto tem sido possível graças ao apoio institucional do Instituto de Física (IF) da USP, que garante o transporte, uso de gráfica e funcionários. A universidade também viabiliza a contratação dos bolsistas por meio do Programa Unificado

de Bolsas (PUB), sem os quais seria impossível a nossa ação.

“O papel desse tipo de projeto vai além da divulgação científica lúdica e atraente por si só. Por trás disso está a missão de garantir o direito do acesso ao conhecimento.”

Ao longo desse tempo, percebe na prática o impacto das ações no interesse dos jovens pela ciência?

Na própria USP já tivemos vários alunos que ingressam no vestibular e chegam contando que conheceram o Arte e Ciência no Parque quando estavam na escola e como ele os ajudou a escolher esta carreira. Temos também casos de alunos que foram atendidos pelo projeto e depois vieram a ser nossos monitores. É muito comum ainda conhecer gente que se interessou pela área ao visitar a Estação Ciência quando criança, afinal, chegaram a ser cerca de 400 mil visitantes por ano antes de seu fechamento, em 2013. É importante ressaltar que esse tipo de ação de divulgação científica itinerante, que vai até as escolas, parques, praças ou feiras de ciências acaba tendo um papel que vai além da divulgação científica lúdica e é atraente por si só. Por trás disso está a missão de garantir o direito ao acesso ao conhecimento. Por isso, é fundamental que projetos de extensão universitária reflitam as pesquisas desenvolvidas e divulguem temas atuais e de interesse da sociedade, ajudando com isso a melhorar o nível cultural e reforçando a política de inclusão social, que é um dos grandes desafios do nosso país.

Quais as diferenças nas estratégias de divulgação científica nos anos 80 e 90 para hoje? O público de jovens e crianças precisa de outro tipo de estímulo ou materiais, por exemplo?

A internet e as novas tecnologias têm impactado nosso cotidiano de forma extraordinária, deixando as informações muito mais acessíveis e de modo quase instantâneo. Todavia, a escola, o currículo escolar e as metodologias de ensino tiveram pouca alteração nas décadas de 80 e 90. Para o público de jovens e crianças, que já nasceram na era digital, é importante a discussão de conceitos básicos da ciência mostrando que ela faz parte do cotidiano. Por meio da tecnologia de informação e do celular é possível ter acesso a uma grande quantidade de informações, mas que não necessariamente transformam em conhecimento. A nossa experiência com o público atual é que há, frequentemente, o encantamento especialmente das crianças quando apresentados experimentos simples para ilustrar algum fenômeno da natureza ou do cotidiano.

Na sua percepção, a atual crise do covid-19 trouxe uma valorização da ciência em relação ao cenário pré-crise?

Antes da crise do covid-19 havia uma desconfiança da ciência, em particular no Brasil. Espera-se que aconteça, de fato, a real valorização dela no país, que é a única maneira de resolver uma questão tão grave provocada por esse vírus.

“A existência de fake news deve ser mais um motivo para a educação científica de fato ocorrer na escola, para aguçar o espírito crítico e separar as notícias reais das falsas.”

As tecnologias de comunicação mais atrapalham ou ajudam na divulgação científica? Se por um lado facilitam o acesso à informação e aos conteúdos, como lidar com a quantidade de fake news, negacionistas e afins, que também estão amplamente disponíveis?

O avanço das tecnologias de comunicação nas últimas décadas foi um fato extraordinário que contribuiu para facilitar a interação entre pesquisadores do mundo todo, de forma quase instantânea e com isso facilitando de modo geral a divulgação científica. A existência de fake news deve ser mais um motivo para a educação científica de fato ocorrer na escola, para aguçar o espírito crítico, para separar as notícias reais das falsas.

O que espera para o futuro da ciência no Brasil, quando a atual geração de crianças e jovens estiver chegando à maturidade?

É uma questão muito difícil de responder, especialmente nesse momento da pandemia do covid-19. Quais as mudanças que irão ocorrer no Brasil e no mundo? A ciência voltará a ser valorizada ou ainda continuará a desconfiança de governantes? Haverá

mudança na educação quanto aos métodos de ensino, acelerando a introdução de ensino on-line, métodos ativos etc.? O empenho da atual geração será fundamental para dar suporte para a formação de crianças e jovens, para enfrentar e resolver essas e outras questões que surgirão. E a universidade terá uma papel fundamental nessa fase pós-covid-19, revendo currículos, em particular dos cursos de licenciaturas e com uma preocupação de se comunicar melhor com a sociedade em geral. Sou bastante otimista que a atual crise deverá mudar o nosso modo de vida, a relação com a natureza, o consumo mais consciente, enfim, uma sociedade mais colaborativa.

Qual o papel da universidade pública na divulgação científica para crianças e jovens?

Tornar cada vez mais ampla e abrangente a divulgação científica, não só através da mídia, mas também facilitando o acesso ao campus, com eventos, palestras, exposições e atividades em geral. Em particular, com relação à USP, enfatizo a importância de

que continuem sendo fomentados eventos tradicionais como a Feira USP e as Profissões, a Semana de Ciência e Tecnologia e outros, divulgando a Universidade e o seu acesso.

O próprio Arte e Ciência no Parque foi concebido para difundir a ciência a um público que normalmente não tem acesso ao conhecimento dito científico, mas que o utiliza diariamente em suas vidas. Quando o público tem contato com os experimentos apresentados, ele participa ativamente das atividades e assim passa a identificar a ciência e a tecnologia como partes do seu cotidiano, e isso possibilita uma relação mais íntima com o conhecimento.

Outro papel que a universidade tem nessa área é o de investir cada vez mais na formação continuada de professores, especialmente para aqueles que atuam na educação básica. Nesse nível, os professores enfatizam temas ligados à biologia, com poucas atividades em física e química. É preciso colocar a criança em contato com conceitos amplos da ciência, mostrando o seu caráter interdisciplinar.



Visitantes participam de atividade na Virada Científica da USP.

Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Dedicação, empenho e carinho em categoria animal

A trajetória de quatro décadas do Hospital Veterinário da USP

Texto: Fabio Rubira

Perto de completar 40 anos na centenária Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ) da USP, o Hospital Veterinário (Hovet) é frequentemente acionado por especialistas diversos para o recebimento de casos variados. Além de ser procurado diariamente por donos de animais que prezam a tradição e excelência nas especialidades médicas e cirúrgicas oferecidas.

“A nossa extensão se expande não só para os tutores, mas para a comunidade técnica. Porque recebemos muitos encaminhamentos de colegas que atendem em clínicas e querem nos referendar o animal. O proprietário já chega com uma carta de encaminhamento, contendo um histórico do que está acontecendo. Então, é uma extensão que vai do proprietário ao colega profissional

veterinário”, confirma o professor André Luis do Valle de Zoppa, diretor do Hovet.

Conceituado, dessa forma, como um hospital de referência, a unidade da USP dedica-se a casos de maior complexidade. “Não conseguimos atender o proprietário que chega com um animal no colo para dar vacina”, orienta Zoppa.

Outra dúvida imediata, e frequente, é sobre a gratuidade dos serviços, que não existe. “Deixamos bem claro que somos um hospital-escola, com prioridade para o atendimento da comunidade na forma de extensão universitária. Assim, temos um custo inferior ao dos estabelecimentos particulares. Mas não atendemos gratuitamente”, esclarece o diretor técnico.



Atendimento de gato doméstico pela equipe do Hovet-USP.

Foto: Marcos Santos/USP Imagens



Hospital Veterinário da USP.

Foto: Marcos Santos/USP Imagens

São cobradas, portanto, taxas e remunerações profissionais mais acessíveis. Que, por outro lado, são fundamentais para a manutenção da estrutura hospitalar, da aquisição de materiais à compra de medicamentos.

Indagações respondidas, é comum ainda um terceiro questionamento: Se é um hospital-escola, significa que o animal vai ser usado para aulas, como experimento ou cobaia?

A negativa, novamente, é do diretor do Hovet da USP. “O proprietário assina um termo de consentimento padrão por estar dentro de um hospital-escola. Mas não é um animal para experiência. Ele pode ser levado para uma aula. E a consulta, por exemplo, pode demorar um pouco mais. Porque o professor vai examinar e discutir com os alunos. Eventualmente, esses alunos também vão manipular o animal. E o proprietário nos dá esse consentimento”, detalha.

“Caso este animal entre em um protocolo de tratamento, uma técnica anestésica ou nutricional que eventualmente faça parte de uma pesquisa, aí o tutor assina um outro termo que vai descrever tudo o que poderá ser feito. Mas, se ele recusar, não será feito absolutamente nada com o animal dentro da área da pesquisa”, complementa o professor.

Mas aí é que, com o trocadilho inevitável, está o pulo do gato. O vínculo com a Faculdade de

Medicina Veterinária e Zootecnia faz do Hospital Veterinário da USP uma instituição forte em pesquisa. E essas investigações científicas acabam desonerando os proprietários que aceitam participar dos estudos.

O professor Marcio Antonio Brunetto é especialista em nutrição e coordenador do Centro de Pesquisas em Nutrologia de Cães e Gatos da FMVZ. Um dos trabalhos recentes foi a avaliação de alimentos para animais doentes, com a parceria de uma indústria privada. Um grupo de cães diabéticos foi acompanhado por alguns meses. Os proprietários receberam no período, sem custos, a ração, além da isenção de exames e consultas. “É uma satisfação para eles, de modo geral, sentirem-se úteis para a ciência”, avalia Brunetto, que também é vice-diretor do Hovet.

Inovação

São pesquisas importantes, que acompanham os hábitos da sociedade e, muitas vezes, pautam também reflexões cujas soluções seguem em aberto. “Quando eu era criança, a base da alimentação de cães e gatos eram restos de comida, sobras de mesa”, lembra o professor Brunetto. “Com o passar do tempo, surgiram as rações comerciais. E elas passaram por uma série de ajustes, até chegarem aos alimentos superespecializados que temos hoje no mercado.”

Variedade, no entanto, que é ignorada por



Atendimento no Ambulatório de Aves do Hospital Veterinário da USP

um número considerável de proprietários, que retomam o hábito de oferecer comida caseira aos animais, acreditando que o alimento preparado nas residências pode ser mais saudável.

“Situações que deixamos de atender, lá atrás, de deficiências nutricionais, passamos a observar novamente na nossa rotina”, alerta o professor da FMVZ.

“É que muito desses alimentos podem ser mal formulados. Então, casos de hiperparatireoidismo secundário nutricional, que existiam há algumas décadas, voltaram a surgir. Da mesma forma que já recebemos animais cujos proprietários oferecem alimentos veganos, no impulso de impor a própria dieta aos cães ou gatos. Portanto, já observamos alterações importantes pela falta

de nutrientes essenciais”, afirma Brunetto.

Orientações valiosas que, voltando à tradição do Hospital Veterinário, fazem jus ao pioneirismo das especialidades surgidas na criação da unidade, em 1981.

“O Hovet é formador de conceitos dentro da medicina veterinária”, orgulha-se o vice-diretor. “Muitas vezes, as pesquisas realizadas aqui mudam conceitos do que é feito na prática. São novas técnicas cirúrgicas, tratamentos com um medicamento específico, um novo protocolo anestésico.”

Tradição com pioneirismo

Com graduação pela FMVZ em 1996, André Luis do Valle de Zoppa faz questão de lembrar de mestres antigos. “O professor Paulo Sérgio de Moraes Barros foi quem criou o serviço de



Foto: USP Imagens

Centro de Difusão Internacional (CDI).

No início, eram serviços mais restritos. Conforme a FMVZ foi crescendo, foram criados os departamentos de especialidades. “E também os serviços vinculados, como cirurgia de pequenos e grandes animais, diagnósticos por imagens, anestesia, odontologia, clínica geral, oftalmologia, dermatologia, obstetrícia. Tanto para pequenos como para grandes animais”, enumera com orgulho o diretor do Hovet.

Atividades veterinárias com a singularidade de manter um ambulatório específico para aves silvestres.

“Foge do comum! Atendimento para aves, aberto à comunidade. É o mesmo tipo de assistência, como se fosse um cachorro. Além de receber os criadores, que entram em contato para discutir e trazer suas aves”, revela Zoppa.

Dedicação que faz o Hospital Veterinário manter convênios com os canis da Polícia Militar e da Receita Federal.

“Alguns animais do Zoológico de São Paulo, caso possam, são encaminhados para cá. Se não podem, alguém daqui se desloca para lá.” Os procedimentos incluem toda a parte laboratorial de patologia clínica, como exames de sangue, urina e fezes.

Gama valiosa de serviços de extensão oferecidos pelo Hovet, que enriquece igualmente o curso de graduação em medicina veterinária da USP. São 10 semestres, em tempo integral, com atenção especial para práticas profissionalizantes.

“O Hospital é muito importante para que os alunos vivenciem, na prática, tudo o que eles aprendem em sala de aula”, acrescenta o professor Brunetto.

“Na aula de semiologia veterinária eles estudam, por exemplo, a aferição dos parâmetros vitais. Na aula prática, aproveitamos a casuística do Hovet para aferir temperatura e frequências cardíaca e respiratória. E isso não só na área de pequenos, mas também com bovinos, cavalos e outras espécies. O mesmo na cirurgia,

oftalmologia. A partir dele começou-se a ter essa especialidade em medicina veterinária. Muitas escolas que hoje têm essa área, são de especialistas orientados por ele aqui”, destaca.

“A mesma coisa na dermatologia veterinária, com o doutor Carlos Eduardo Larsson, e na cardiologia, com a professora Maria Helena Matiko Akao Larsson. Um casal de especialistas aqui da nossa faculdade.”

Histórias institucionais de muito esforço, desde as instalações originais na Cidade Universitária em São Paulo. “O Hospital Veterinário da USP começou na travessa 4, nos barracões”, lembra Zoppa. Estruturas que marcaram época junto à Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária (FEA) e à Escola de Comunicações e Artes (ECA), onde atualmente funciona o



Atendimento na clínica do Hospital Veterinário da USP.

obstetrícia, nutrição, odontologia. Em todas as especialidades”, garante.

Legados

Dedicação, comprometimento, apreço pelos animais. Com superações inesquecíveis. Como a do cavalo que, há 20 anos, foi submetido a uma cirurgia abdominal pelo doutor Zoppa e saiu da mesa com pouca esperança de cura.

“Quando fui conhecer, o proprietário era cego. E usava o animal para participar de provas de enduro, em competições nas matas. O cavalo sabia o percurso e ia sozinho”.

O tutor encorajou a equipe médica ao insistir que o animal era um guia primoroso e não o abandonaria. “Nós ficamos 15 dias com esse cavalo. Dia e noite, dia e noite”, recorda-se com emoção o professor. “E ele foi salvo. Foi salvo!”

Retribuições vindas de quem também tem um pet atendido com dignidade em seus últimos dias de vida. “Recebemos muitos retornos dos tutores, que agradecem pelo aumento de sobrevida a partir de um protocolo quimioterápico ou procedimento cirúrgico. E isso é muito gratificante”, conclui Brunetto.

Hospital Veterinário da USP

📍 Av. Prof. Dr. Orlando Marques de Paiva, 87, Cidade Universitária, São Paulo – SP

Para todo atendimento é necessário antes passar por uma triagem.

Triagem

- 🕒 segundas, terças, quintas e sextas-feiras, das 8h às 10h
- 🕒 quartas-feiras, das 9h às 10h

💰 Grátis

Consultas

- 🕒 de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h – as consultas são agendadas após a avaliação inicial da triagem.

💰 Há cobrança de taxas, inclusive para exames.

Informações

- 🌐 hovet.fmvz.usp.br/atendimento
- ☎ 11 3091 1364
- ☎ 11 3091 1236

Unidade Didática Clínico Hospitalar de Medicina Veterinária

📍 Av. Duque de Caxias, 225, Campus Fernando Costa, Pirassununga – SP

💰 Há cobrança de taxas, inclusive para exames

Informações

- 🌐 fzea.usp.br/?page_id=4174
- ☎ 19 3565 6886



TOUR VIRTUAL 360

Conheça de pertinho o acervo do Museu de Zoologia da USP sem precisar sair de casa!

Você encontra o **TOUR VIRTUAL 360** no endereço

vila360.com.br/tour/mzusp

Experiências

Atividades de extensão para a prevenção do suicídio e promoção de saúde mental

CURSOS, CENÁRIOS DE SIMULAÇÃO E MATERIAIS EDUCATIVOS (por: Aline Conceição Silva e Laysa Fernanda Silva Pedrollo)

O Centro de Educação em Prevenção e Posvenção do Suicídio – CEPS tem desenvolvido diferentes tipos de cursos presenciais e materiais educativos, visando contribuir com a qualificação e a formação de profissionais, além de buscar a divulgação de informações baseadas em textos científicos para a sociedade. Dentre as ações de formação profissional, destacamos que o grupo tem realizado os Cursos de Formação +Contigo Brasil e o desenvolvimento de Cenários de Simulação de Alta Fidelidade. O curso de formação +Contigo vem sendo realizado desde 2019, e tem como objetivo principal a capacitação de profissionais da área da saúde, educação e assistência, com foco na prevenção da violência autoinfligida (que envolve o comportamento suicida e a autolesão não suicida) e a promoção de saúde mental na adolescência. Já o Cenários de Simulação permite que o estudante ou profissional possa participar de atendimentos simulados para o desenvolvimento de competências profissionais relacionadas à prevenção da violência autoinfligida, sendo um espaço de formação que busca uma proximidade com a realidade vivenciada em serviços de saúde, em escolas, entre outros ambientes.

“O processo de construção e a troca de experiências nas capacitações com estudantes e profissionais contribuem na minha formação profissional e pessoal, oportunizando uma formação responsável, embasada e humanizada. Ainda colaboram para ratificar nosso papel enquanto estudantes de uma universidade pública e o compromisso dos estudantes e da instituição com a sociedade.”

(Aline Conceição Silva – doutoranda do Programa de Enfermagem Psiquiátrica pela EERP/USP e membro do CEPS)

“As vivências e trabalhos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa são variáveis, e me proporcionam diariamente interações ricas, tanto com a comunidade interna da Universidade de São Paulo (USP), como com a comunidade externa, algo que é fundamental, pois buscamos sempre realizar atividades de ensino, pesquisa e extensão que possam ser desenvolvidas com todos os públicos. Acredito que nosso compromisso enquanto grupo é possibilitar uma formação e capacitação de profissionais e futuros profissionais de modo mais seguro e ético na área de saúde mental, pensando em um cuidado junto a outros indivíduos com base em suas necessidades.” (Laysa Fernanda Silva Pedrollo – Mestranda do Programa de Enfermagem Psiquiátrica pela EERP/USP e membro do CEPS)

Outra ação do grupo é a construção e a divulgação de materiais educativos (cartilhas, folders, textos de especialistas, podcasts, vídeos, entre outros) embasados em literatura científica atualizada para a população. Dentre os materiais construídos, contamos com as cartilhas educativas “Como ajudar alguém em risco de suicídio?” e “Lidando com Luto por suicídio”, além de materiais como o Kit Esperança, o Plano de Gestão de Crises, Recomendações para Planos de Posvenção, entre outros. Eles apresentam fácil leitura e compreensão e estão presentes em diferentes meios de comunicação, como as redes sociais, algo que possibilita o acesso à informação de confiança a toda a comunidade. Você pode acessar todos os materiais apresentados no link ao lado: <https://inspiracao-leps.com.br/saiba-mais/livros-cartilhas-e-folders/> (Aline Conceição Silva e Laysa Fernanda Silva Pedrollo).

“Fiz parte do projeto de iniciação científica do grupo CEPS que elaborou e divulgou a cartilha educativa “Como ajudar alguém em risco de suicídio?” para a população. Algumas pessoas que puderam conhecer mais de perto o material relataram se sentir mais confortáveis em abordar a temática após a leitura da cartilha, algo que muitas vezes não ocorre socialmente, devido ao tabu

existente ao se falar de suicídio. Isso também pode ser visto durante o desenvolvimento dos cursos e na abordagem dos cenários de simulação sobre as diversas temáticas que o grupo de pesquisa desenvolve. Acredito que por meio dessas atividades podemos trabalhar e desconstruir ideias preexistentes sobre a saúde mental, algo que contribui para que a temática possa ser vista de forma diferente pela população, conseqüentemente, possibilitando a promoção de saúde mental nos diversos ambientes, seja na universidade, em família ou até mesmo com amigos.”

(Laysa Fernanda Silva Pedrollo – Mestranda do Programa de Enfermagem Psiquiátrica pela EERP/USP e membro do CEPS)

“O grupo possui uma dinâmica muito fluida na criação de materiais educativos... Além de priorizar a busca de necessidades e construção dos materiais em literatura científica, oportuniza a indicação de necessidades pela comunidade e também no trabalho de campo e extensão dos integrantes do grupo. Isso colabora no nosso crescimento na temática e principalmente na ação de observar necessidades e buscar ferramentas para transformar e colaborar com a realidade.” (Aline Conceição Silva – doutoranda do Programa de Enfermagem Psiquiátrica pela EERP/USP e membro do CEPS)

WEBSITE INSPIRAÇÃO (por Larissa Castelo do Amaral e Daniele Maria Nogueira)

“A plataforma inspirAção tem como símbolo um farol iluminando o mar aberto. Os faróis são conhecidos por ajudar os navegantes, assim, o site carrega para si a responsabilidade de ser uma ferramenta de orientação para pessoas vulneráveis em busca de identificação e esperança e não poderia existir um símbolo que representasse melhor a proposta do site, fruto do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Prevenção e Posvenção do Suicídio (LEPS) e do Centro de Educação em Prevenção e Posvenção do Suicídio (CEPS), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).” (Larissa Castelo do Amaral – Mestra pelo Programa de Enfermagem Psiquiátrica pela EERP/USP e membro do CEPS)

“Em seu interior traz uma gama de ações de cuidado, motivação, apoio e bem-estar, visando a valorização da vida e a prevenção do suicídio. Nossa meta é oferecer conteúdo de qualidade para todos os tipos de público, profissionais ou não. É possível acessar de forma gratuita diversos materiais produzidos pelo nosso grupo, pode-se também salvar os conteúdos e tudo isso de forma prática e rápida utilizando computadores e dispositivos



Curso de Formação + Contigo: Promoção da Saúde Mental e Prevenção do Suicídio, realizado em 2019.

PLATAFORMA INSPIRAÇÃO

CENTRO DE EDUCAÇÃO EM PREVENÇÃO E
POSVENÇÃO DO SUICÍDIO (CEPS)

INSPIRAÇÃO

Plataforma virtual para disseminação de informações, materiais, projetos e conteúdo para prevenção do suicídio e promoção de saúde mental.

Acesso: www.inspiracao-leps.com.br



MATERIAIS EDUCATIVOS

Cartilha, podcasts, vídeos, artigos científicos, postagens de especialistas e ferramentas para promoção de saúde mental e prevenção da violência autoinfligida.



+ CONTIGO BRASIL

Projeto intersetorial com foco em prevenção do suicídio e promoção de saúde mental em escolas. Enfoque especial na expansão do projeto para diferentes localidades brasileiras.



PLANO DE GESTÃO DE CRISES

Ferramenta que colabora com o autoconhecimento, promoção de bem-estar, busca de ajuda e promoção de cuidado e segurança.



ACOMPANHE NOSSO TRABALHO

 @ceps_eerp_usp
 @inspiracao-leps
 CentrodePrevencaoEPosvencaoDoSuicidio
 ceps@eerp.usp.br



CEPS

LEPS

FAPESP



Infográfico informativo sobre o website *Inspiração*

pois acreditamos que os conteúdos de vivências positivas podem servir como o conselho de um amigo para momentos difíceis e auxiliar o leitor que estiver enfrentando um momento parecido. Os posts estão disponíveis para compartilhamento nas redes sociais, também é possível que o usuário se cadastre para participar de pesquisas futuras do CEPS caso tenha interesse, há também uma aba dedicada às perguntas frequentes que abordam questões relacionadas ao site e uma aba especial para o “Fale Conosco”, possibilitando que o usuário envie dúvidas e sugestões para o site.” (Larissa Castelo do Amaral – Mestra pelo Programa de Enfermagem Psiquiátrica pela EERP/USP e membro do CEPS)

“A importância de locais como o Inspiração estarem disponíveis on-line vem da necessidade de conteúdos seguros e que possam oferecer algum tipo de auxílio tanto para quem está precisando, quanto para suprir as necessidades dos multiplicadores na promoção de saúde mental. Infelizmente, a rede pode ser um local nocivo, afinal, há muitos materiais pró suicida sendo compartilhados e acessados por qualquer pessoa. Em meio a isso, acredito que a plataforma Inspiração vem como uma luz na escuridão para muitas pessoas e é gratificante fazer parte de um projeto assim”. (Larissa Castelo do Amaral – Mestra pelo Programa de Enfermagem Psiquiátrica pela EERP/USP e membro do CEPS)

“A plataforma permite uma interação muita bacana entre o grupo de pesquisa LEPS e o usuário, pois este pode enviar anonimamente conteúdos que considere relevante e que vão contribuir na prevenção do suicídio por meio das mensagens de apoio e motivação, motivos para viver e histórias de superação. E se você está se perguntando o que essa interação pode promover, vamos lhe explicar: instiga o desenvolvimento de competências sociais, cultiva o apoio e a resiliência comunitária, a esperança, a autoestima, a reflexão e a ressignificação de momentos, bem como promove o apoio mútuo, pois quando alguém está passando por uma situação difícil semelhante a nossa e compartilha conosco, parece que fica mais fácil de ressignificar e seguir em frente, não é mesmo?” (Daniele Maria Nogueira –

graduanda em Enfermagem pela EERP/USP e membro do CEPS)

“Outra estratégia que o grupo utiliza para aprimorar o site é realizar o seu acompanhamento e avaliação, pois por meio da plataforma do Google Analytics e de algumas variáveis, como: quantidade de acessos num dia normal ou após uma publicação nas redes sociais (Facebook, Instagram) ou reportagem em que foi divulgado o grupo ou palestra que o grupo ministrou, duração da sessão, quais páginas e conteúdos foram mais acessados... podemos entender melhor a interação e aprimorá-la, oferecendo à comunidade uma plataforma que seja útil e relevante na prevenção e posvenção do suicídio. Esta atividade é um projeto de iniciação científica (projeto de pesquisa) financiado pela FAPESP, no qual sou bolsista. Vale destacar que o site já foi acessado por 38 países, dentre os que mais acessaram: Portugal, Canadá, Estados Unidos e por 53 cidades do mundo. Então, trata-se de uma plataforma que está alcançando muitos usuários e permitindo que os resultados das pesquisas produzidas pelo grupo cheguem à comunidade e possam fazer a diferença na construção de um diálogo e práticas mais humanas, que combatam os estigmas que permeiam o suicídio e o cuidado com a saúde mental.” (Daniele Maria Nogueira – graduanda em Enfermagem pela EERP/USP e membro do CEPS)

PROJETO +CONTIGO BRASIL e CURSO DE FORMAÇÃO +CONTIGO (por Camila Corrêa Matias Pereira e Bruna Marques Chiarello)

“O nosso grupo sempre buscou alinhar o conhecimento científico teórico ao prático com muita empatia, respeito e acolhimento. Por lidarmos com o sofrimento humano, a prevenção sempre foi uma peça fundamental do nosso trabalho, tanto na pesquisa, como na extensão. O Projeto português +Contigo, adaptado para o contexto brasileiro, reforça a necessidade da atuação em rede e de forma multinível, multiprofissional e intersetorial para a prevenção do suicídio. É necessário entender que o fenômeno do suicídio é complexo e precisa englobar todos os setores para ter eficácia; dentre eles, a saúde, a educação e a comunidade. O Projeto atua com profissionais de saúde, educadores,

encarregados pela educação, pais/responsáveis e por último os adolescentes participantes. Dessa forma, abordamos a promoção da saúde mental de maneira cuidadosa, provocamos reflexões através das estratégias de sensibilização, incentivamos a educação/formação continuada e proporcionamos um olhar mais amplo para o “adolescer”. Sem dúvidas poder vivenciar o projeto em Portugal e depois aplicá-lo no Brasil me trouxe experiências únicas, com riquezas culturais, inúmeros aprendizados e desafios. Ser instrumento de escuta para tantos adolescentes, educadores, familiares e profissionais de saúde me possibilitou ser uma pessoa e profissional mais sensível e atenta a diferentes demandas, contextos, realidades, sentidos e diversidades.” (Camila Corrêa Matias Pereira, doutoranda do Programa de Enfermagem Psiquiátrica pela EERP/USP e membro do CEPS)

“Nós sabemos que o suicídio é um problema social e requer responsabilidade social no seu enfrentamento. O nosso grupo sempre se preocupou com o compartilhamento de informações para a prevenção e posvenção do suicídio e, sendo assim, surgiu o “Curso de Formação +Contigo: promoção da saúde mental e prevenção do suicídio”, formando multiplicadores.” (Camila Corrêa Matias Pereira, doutoranda do Programa de Enfermagem Psiquiátrica pela EERP/USP e membro do CEPS)

“O Curso de Formação +Contigo foi uma experiência muito enriquecedora, contamos com a participação de profissionais da área da saúde e da educação, e tivemos a oportunidade de oferecê-lo de forma gratuita, então tivemos uma demanda que extrapolou o público-alvo previamente estabelecido. Dessa forma, percebemos a relevância desse tipo de formação e o interesse das pessoas em saber mais sobre um assunto tão importante e coerente ao contexto atual. A demanda elevada também nos sinalizou a necessidade de realizarmos mais cursos de formação sobre o tema. No que tange à participação na organização, como em todas as atividades que o CEPS se propõe a realizar, o curso foi elaborado com muito carinho e cuidado. Todas as etapas exigiram extensas discussões e planejamento, no intuito de promover uma formação consistente com

os objetivos previamente definidos para o curso. Ademais, também foi exigido muito engajamento, o que me proporcionou, além do conhecimento, experiências no âmbito do trabalho em equipe e da cooperação entre os membros do grupo.” (Bruna Marques Chiarelo, graduanda em Enfermagem pela EERP/USP e membro do CEPS)

PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA MÍDIA

JORNALÍSTICA (Profa. Dra. Kelly Graziani Giacchero Vedana – Docente EERP e Coordenadora do CEPS e LEPS)

“Nós, do CEPS, temos buscado fazer parcerias com a mídia jornalística porque sabemos que há muitos estudos que abordam o importante papel que as mídias podem exercer no risco ou na prevenção do suicídio. O CEPS realizou parcerias com diversos tipos de mídia (virtuais, jornais, rádio, revistas, televisão) para que a sociedade esteja mais preparada para a prevenção da violência autoinfligida. Como o suicídio e a autolesão são multifatoriais, é importante que vários setores da sociedade estejam preparados para auxiliar na prevenção, que inclui não apenas o atendimento de pessoas em risco, mas também a promoção do bem-estar e da qualidade de vida.” (Profa. Dra. Kelly Graziani Giacchero Vedana - Docente EERP e Coordenadora do CEPS e LEPS)

“Nos anos de 2018 e 2019, a mídia jornalística teve interesse, principalmente, por materiais construídos pelo nosso grupo (cartilhas, plataforma Inspiração, Kit de Esperança) e pelas nossas atividades de extensão (palestras, cursos de formação e projetos de extensão). O grupo tem buscado expandir suas ações e divulgações para diferentes regiões. As notícias sobre o CEPS foram realizadas em jornais de vários locais do Brasil (nos estados de Santa Catarina, Espírito Santo, o Distrito Federal, Rio Grande do Sul, Minas Gerais) e também em Portugal.” (Profa. Dra. Kelly Graziani Giacchero Vedana - Docente EERP e Coordenadora do CEPS e LEPS)

“Como todos sabemos, hoje em dia, as redes sociais também têm exercido um papel importante na divulgação de conteúdos que envolvem o suicídio... Assim, eu gostaria

de destacar a importância de que as pessoas tenham uma comunicação virtual responsável, segura, útil e informada sobre questões que envolvem a saúde mental e o comportamento suicida e divulguem apenas conteúdos que realmente possam colaborar com outras pessoas.” (Profa. Dra. Kelly Graziani Giacchero Vedana - Docente EERP e Coordenadora do CEPS e LEPS)

“O CEPS tem trabalhado muito nos últimos anos para aprimorar suas competências e suas atividades e tem buscado desenvolver um trabalho diferenciado que alia o conhecimento científico à dedicação, à criatividade, à responsabilidade, à união, à motivação e ao senso de propósito. É uma grande satisfação coordenar esse grupo e me desenvolver junto com ele a cada dia.” (Profa. Dra. Kelly Graziani Giacchero Vedana - Docente EERP e Coordenadora do CEPS).

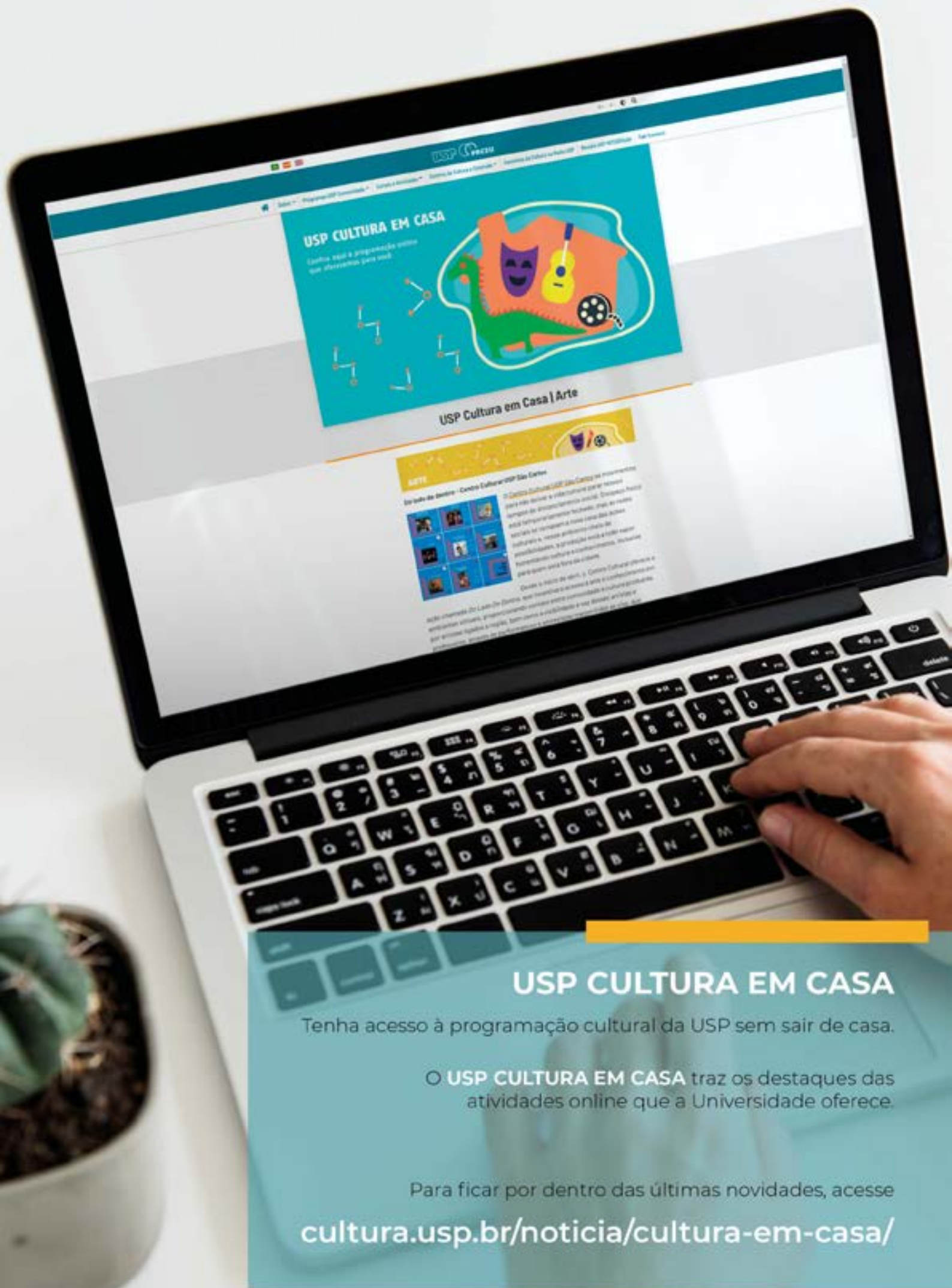
Para conhecer

O Centro de Educação em Prevenção e Posvenção do Suicídio – CEPS

Os canais de comunicação do CEPS são utilizados para o desenvolvimento de competências para prevenção e posvenção do suicídio e da saúde mental priorizando, ainda, as atividades educativas que promovem a formação de agentes multiplicadores.

Canais de comunicação

- ✉ ceps@eerp.usp.br
- 🌐 www.inspiracao-leps.com.br (na seção “Fale Conosco”)
- 📷 [/ceps_eerp_usp](https://www.instagram.com/ceps_eerp_usp)
- 📷 [/inspiracaoleps](https://www.instagram.com/inspiracaoleps)



USP CULTURA EM CASA

Tenha acesso à programação cultural da USP sem sair de casa.

- **USP CULTURA EM CASA** traz os destaques das atividades online que a Universidade oferece.

Para ficar por dentro das últimas novidades, acesse

cultura.usp.br/noticia/cultura-em-casa/

Ensaio Fotográfico

Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos

Se você conhece algum lugar interessante da USP e gostaria de ver retratado nesta seção ou mesmo participar como fotógrafo, escreva para procin@usp.br

Texto e fotos: Camila Previato

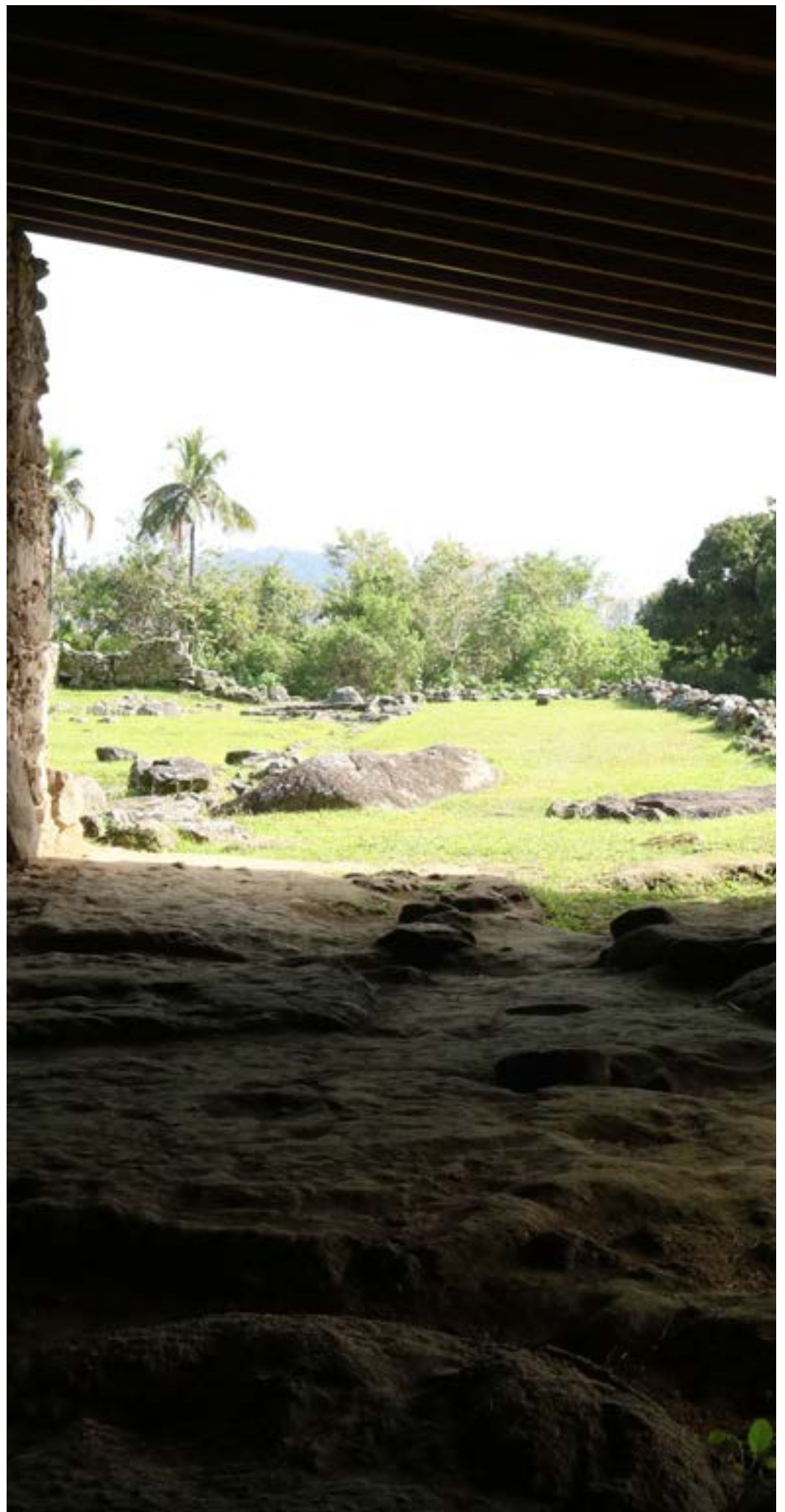




Pedaço palpável da história do Brasil, o Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos oferece, além do vasto repertório histórico, um ambiente com paisagens de tirar o fôlego. O local é o mais antigo vestígio físico preservado da colonização portuguesa em território brasileiro, com uma construção que remonta a 1534 em meio à natureza preservada e ainda exuberante.

Localizado no bairro São Jorge, em Santos, o Engenho oferece visitas monitoradas e atividades para todas as idades, que vão desde oficinas de arqueologia para crianças até cursos de curta duração para o público geral e especialistas em história do Brasil.





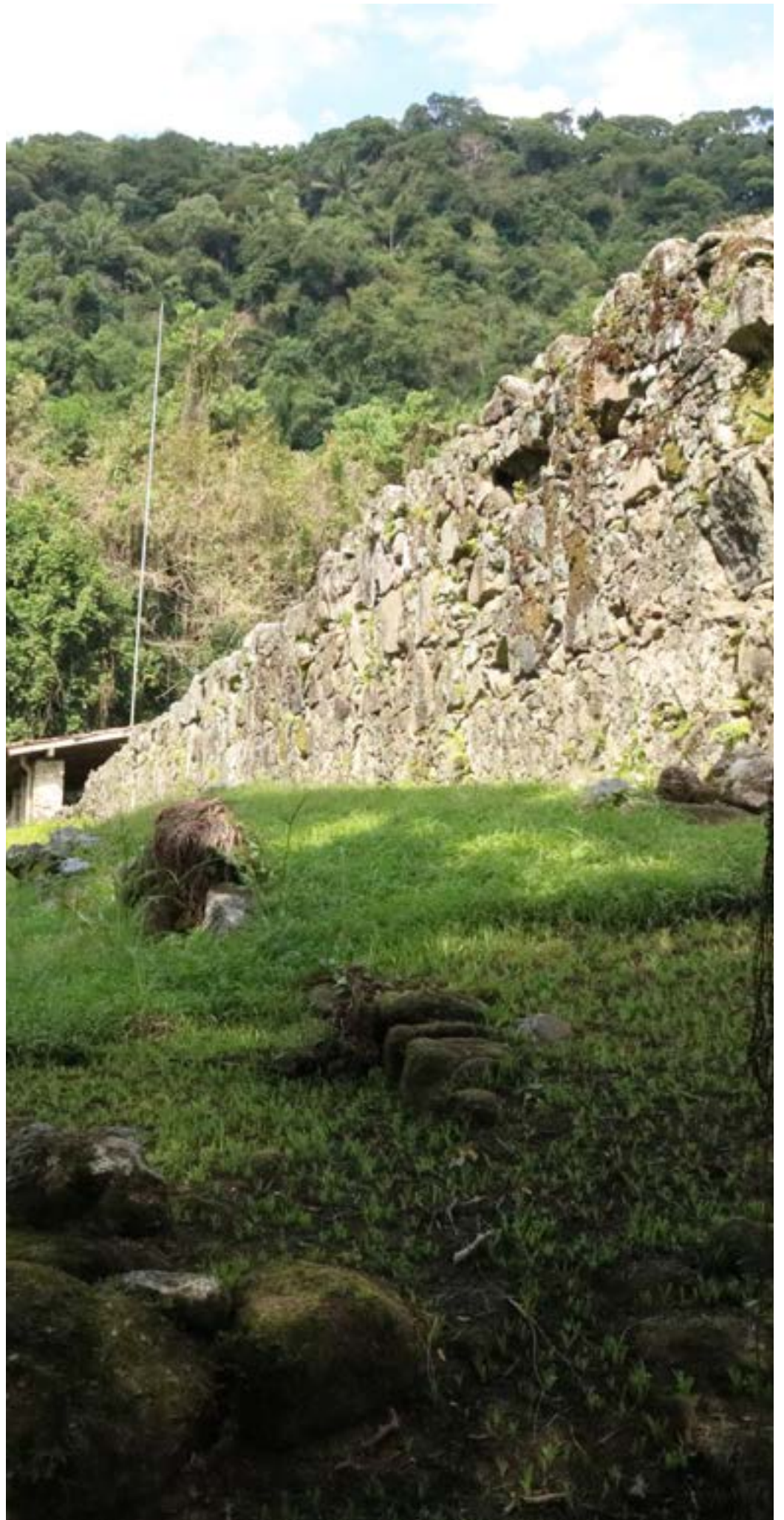
















Para conhecer

Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos

📍 Rua Alan Ciber Pinto, 96, Vila São Jorge, Santos – SP

✉️ ruinasengenho@usp.br

☎️ (13) 3229 2703

Visitação gratuita

De segunda a domingo, das 9h às 17h

Grupos de até 5 pessoas não é necessário agendamento para as visitas monitoradas.



Um teatro crítico para São Paulo

Na capital paulista e nos campi do interior, o Teatro da USP apresenta programação variada, que dialoga com a pesquisa, com outras linguagens artísticas e com a sociedade

Texto: Sandra Lima

Em seus 44 anos de existência oficial, o Teatro da USP (TUSP) se reinventa a todo instante. Com atuação diversificada, seguindo uma tradição de órgão plural, e com bases em alguns campi do interior desde 2009, coloca-se como um dos espaços com o melhor teatro crítico de São Paulo.

Mais do que oferecer uma programação variada, atendendo a diversas linhas estéticas, o órgão, vinculado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU), busca dialogar com outras frentes do teatro e das artes, para além do que se costuma chamar de “teatro de pesquisa” de extração acadêmica. “Esse é o objetivo, sem deixar de lado o critério de um sentido didático ou formativo das ações, que teria que se conjugar ao critério da qualidade estética”, explica o atual diretor do TUSP, Sérgio de Carvalho.

Para alcançar essa finalidade, foram mapeadas quatro frentes de trabalho. A primeira constitui-se em interações entre teatro e sociedade, que visam expandir ainda mais o público que já se relacionava com o TUSP, por meio da diversidade da programação e variação das linhas artísticas.

As outras frentes referem-se ao fomento ao teatro universitário e estudantil, às atividades de pedagogia, memória e reflexão sobre artes cênicas e às interações entre teatro e outras linguagens artísticas.

Carvalho explica que o trabalho procura desenvolver ações inventivas para cada uma dessas quatro frentes, repetindo aquelas ações bem-sucedidas, que no final se convertem em novos programas do TUSP. “Um exemplo é o projeto Ensaios

112 - O ESTADO DE SÃO PAULO SEUBAIRRO TERÇA-FEIRA, 4 DE MARÇO DE 1997

Centro



Tusp abre espaço para a criatividade

Integrantes do Teatro da USP preparam espetáculo sobre os Direitos Humanos: proposta

matriculada em curso superior. A única restrição é ser maior de 16

por isso, o festival vai ser realizado novamente em São Paulo.

Reflexão — De acordo com Tavares, a idêntica inicial da direção do

Abílio Tavares, diretor do Tusp (foto à esq.), comenta o trabalho com a preparação de atores (foto à dir.): "É uma experiência mais humanística, que vai além da formação didática, específica, na qual a técnica é predominante"

Coreográficos, já premiado em sua primeira edição, em que artistas de dança, apresentam, durante uma mostra, trechos de trabalhos, expondo seus procedimentos criativos ao público, desvendando assim suas técnicas e intenções”, diz. Este projeto foi concebido por Helena Bastos, vice-diretora do órgão.

Esta já é a evolução das primeiras diretrizes do TUSP. O diretor teatral Abílio Tavares, que esteve à frente do órgão de 1989 a 2006, conta que uma das principais missões do TUSP era a de desenvolver atividade teatral para toda a universidade, estimulando a criação de grupos universitários de teatro. “Quando assumi, o TUSP era ainda vinculado à Escola de Comunicações e Artes (ECA), e atendia especificamente à demanda das apresentações dos exames curriculares dos cursos de teatro – da ECA e da Escola de Artes Dramáticas (EAD). Então montei um relatório para a reitoria com pedido de recursos financeiros e humanos, e a resposta foi trazer de volta o órgão para a reitoria, com a criação da PRCEU”, relata.

A Pró-Reitoria resgatou o objetivo inicial, de estimular o teatro universitário, criando grupos nas unidades, e estendeu o projeto também para os campi do interior. Além disso, para inserir o TUSP no cenário cultural, intensificou-

se a programação e a articulação do pensamento com a classe artística da cidade. Também nessa época, surgiu o projeto do festival de teatro universitário da USP, que em seis edições, de 1991 a 1996, ocupou diversos campi da USP, e teve a participação de grupos de teatro de outras universidades.

Em 1996, quando foi instalado no prédio histórico da rua Maria Antônia, 294, que também abriga o Centro Universitário Maria Antônia, o TUSP começou uma história de parceria entre os órgãos, com trabalhos conjuntos, para solidificar um campus avançado de cultura e extensão no centro da cidade de São Paulo.

Carvalho, além de diretor do TUSP, é também o atual vice-diretor do Centro Maria Antônia, e essa aproximação permitiu ao TUSP aumentar suas ações cênicas, que não se restringem a só uma sala de espetáculos no Centro Maria Antônia. Este por sua vez pode contar com um apoio técnico ocasional do TUSP, permitindo tornar viáveis mais ações culturais.

Ele enfatiza que a meta maior hoje é ampliar o sentido público e social do órgão, voltado ao desenvolvimento das artes cênicas. “Num tempo de privatização e mercantilização da cultura, queremos que mais pessoas





Cena de *Rei Lear*.

Foto: Mariana Nogueira

entendam que a produção cultural é um direito universal, que não depende de especializações, de tecnicismos, e que deve ser praticada por todos, em níveis variados, na medida de suas possibilidades”, destaca.

Lembra ainda que, para explicitar esse direito universal, é importante promover intercâmbios, trocas de posições entre os chamados “profissionais” e “amadores” da cultura, para que haja aprendizado e responsabilização mútua, de sentido social.

Na avaliação de Carvalho, o TUSP tem um excelente quadro de funcionários, o que facilita o bom desenvolvimento dos trabalhos. “Com um número maior de funcionários, conseguiríamos envolver os trabalhadores do órgão no conjunto das ações, rompendo também, internamente, a tendência à especialização excessiva”, diz.

Como órgão cultural, o TUSP enfrenta dificuldades ligadas ao funcionamento da gestão pública, que envolve um conhecimento técnico de aspectos jurídicos, trabalhistas, institucionais e, que muitas vezes esbarra em estruturas solidificadas. O diretor ressalta que “pela minha experiência, quando as pessoas se envolvem nos processos e decidem não se conformar com as estruturas

nas quais atuam, essa rigidez se modifica”.

Agora com um segundo endereço, no Anfiteatro Camargo Guarnieri, o TUSP tem um desafio a mais para operar o novo espaço, que precisa de complementos técnicos. Segundo Carvalho, dentro da Cidade Universitária, poderá ampliar o diálogo com o teatro amador universitário, e estreitar a colaboração com as escolas de teatro da USP.

O TUSP tem uma grade variada de atividades, entre espetáculos, performances, palestras, workshops, oficinas, ações pedagógicas e programas permanentes – como o Programa TUSP de Leituras Públicas –, alcançando uma média anual de 13 mil espectadores. Um desafio citado por Carvalho é chegar a um conjunto social maior, diversificando as classes sociais que já frequentam as ações do órgão. Ele detalha que “teríamos que fazer parte de uma política cultural mais ampla, empreendida por agentes públicos, com troca de informações e complementaridade de ações, algo que nunca veio a se constituir no Brasil”.

Um pouco de história

As origens do TUSP remontam a 1955, com uma solicitação feita pelos diretórios acadêmicos à Reitoria da Universidade de

Destaques da programação

***Os fuzis da senhora Carrar* de Bertolt Brecht**

A montagem do diretor Flávio Império de *Os fuzis da senhora Carrar*, importante na trajetória do TUSP, foi fonte para uma exposição e documentário no Centro Universitário Maria Antonia, dentro da programação do evento *Ecos de 1968 – 50 anos depois*, ocorrida entre 2 e 5 de outubro de 2018.

A exposição reuniu fotografias, material gráfico e entrevistas sobre as atividades do Teatro dos Universitários de São Paulo (TUSP), nos anos 60.

Na ocasião, a ex-diretora do TUSP e professora da USP, Maria Thaís Lima Santos dirigiu a leitura cênica de *Os fuzis da senhora Carrar*, com a participação de artistas e alunos da ECA.

Bienal Internacional de Teatro

Retomando os festivais organizados no interior, o TUSP promoveu, em 2013, a I Bienal Internacional de Teatro, com o tema Realidades incendiárias, com produções nacionais e internacionais. A segunda edição, realizada em 2015, teve como tema *A Esquerda do Sol: Poéticas e Políticas Latino-Americanas*. Os eventos tiveram a participação de artistas e pesquisadores do Brasil e do México, Argentina, Palestina, Líbano, Israel, Eslovênia, Cuba, Colômbia, entre outros.

Prova de Fogo, de Consuelo de Castro

Uma das peças montadas pelo Grupo TUSP foi *Prova de Fogo*, de Consuelo de Castro, e dirigida por Abílio Tavares. O espetáculo fala sobre um grupo de estudantes que ocupa a faculdade e recebe um ultimato da polícia. Em meio a isso, discute temas como sexualidade, religião, moral e aborto. Relembra a militância estudantil de 68, e o confronto entre estudantes da USP e do Mackenzie, que ficou conhecido como a “Batalha da Maria Antônia”.

São Paulo, após a realização do XVI Congresso da UNE em 1953. A Secretaria de Educação nomeou o ator Ruy Affonso Machado, membro do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), como diretor artístico do TUSP.

Nos anos de chumbo, o teatro era linguagem de resistência e, entre 1966 e 1968, o TUSP reaparece por iniciativa de um grupo de alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) e da Faculdade de Arquitetura (FAU) da USP, com o nome de Teatro dos Universitários de São Paulo, sem vínculo oficial com a universidade.

Em 1967, Flávio Império assume a direção artística do TUSP, e com a montagem de *Os fuzis da senhora Carrar*, de Bertolt Brecht, excursiona pelo Brasil e participa, em 1969, do Festival de Teatro Universitário de Nancy, na França.

Com o recrudescimento da ditadura, durante o governo do general Costa e Silva, e a implementação do Ato Institucional número 5 (AI-5), em dezembro de 1968, há o desmonte do grupo, cujas atividades encerram-se em 1969, após o festival de Nancy. Por conta do

AI-5, também foi abandonada a publicação da a(P)arte, revista do Teatro dos Universitários que teve apenas dois números. Em 2010, o TUSP retomou a revista com o título a(P)arte XXI, cujos cinco novos números podem ser consultados no [site](#) do órgão.

Oito anos depois, por meio da resolução 943 de 26 de maio de 1976, do reitor Orlando Marques de Paiva, o TUSP reaparece vinculado à Coordenadoria de Atividades Culturais (CODAC) da USP, juntamente com a Orquestra e o Coral, que constituíam o corpo de produção artística da universidade. Décio Almeida Prado, crítico de teatro e professor da Faculdade de Filosofia, assume a direção, e o órgão se instala no auditório da Biblioteca Municipal Anne Frank, à rua Cojuba, 45, no Itaim-Bibi, cedido à USP pelo prazo de vinte anos, de 1976 a 1996.

Até 1986, o TUSP ficou vinculado à CODAC e, nesse mesmo ano, passa a fazer parte da Escola de Comunicações e Artes (ECA), para receber os espetáculos curriculares do Departamento de Artes Cênicas (CAC) e da Escola de Arte Dramática (EAD).

Em 1990, o TUSP passa a ser um dos órgãos subordinados à recém-criada Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU), atuando como pólo gerador de cultura. Em 1996, é transferido para parte do térreo e do subsolo do prédio da rua Maria Antônia, 294, onde fica outro órgão, o Centro Universitário Maria Antonia.

Neste mesmo ano, o TUSP passa a ter um corpo artístico estável, o Grupo TUSP, que com a direção de Abílio Tavares, montou diversos espetáculos, que receberam um total de dez prêmios e quinze indicações.

Em 2007, agora sob a direção de Marco Antônio Braz, o grupo faz suas últimas montagens, com os espetáculos *O Abajur Lilás*, *Quando as Máquinas Param* e *Navalha na Carne*, parte da programação do Projeto Plínio Marcos, que marcou também a inauguração da Sala Experimental do TUSP.

Com o fim do corpo artístico estável, em 2009, o TUSP passou a contar com orientadores de arte dramática sediados nos campi de Bauru, Ribeirão Preto, São Carlos, Pirassununga e Piracicaba.

Temporadas antigas e recentes

Entre suas vertentes de atuação, o TUSP oferece mostras e programações próprias, desenvolvidas pela equipe artístico-

pedagógica do órgão.

Desde 2008, o Circuito TUSP de Teatro leva espetáculos selecionados para os campi do interior, já fazendo parte da agenda cultural destas cidades.

Adaptados às realidades de cada uma das cidades em que a instituição tem atuação, os Núcleos TUSP oferecem laboratórios de montagem teatral para atores e atrizes de diversas formações. Na capital, os Núcleos resultaram em temporadas de espetáculos como *Outro K* (2015), *O Pequeno Eyolf* e *Mahagonny* (2016), *Hamlet*, *Rei Lear* e *Ensaio para Romeu e Julieta* (2017/2018) e *Fausto* (2018).

Já o Programa TUSP de Leituras Públicas, em seu 22º Ciclo, abre a um público diversificado – como artistas, estudantes e 60+ – a possibilidade de participar de leituras de textos dramatúrgicos selecionados em encontros abertos.

Destaca-se ainda a Mostra de Teatro Estudantil, que retoma a Mostra Experimentos TUSP apresentando trabalhos criados nas escolas de teatro, sejam de nível superior, médio ou profissionalizantes, e em todos os estágios do desenvolvimento, desde a pesquisa até o espetáculo finalizado.



Cena de *Farinha com açúcar* (ou sobre a substância de meninos e homens).

Foto: Patrícia Albuquerque



Cida Moreira.

Foto: Murilo Alvesso

Além destas mostras e dos programas próprios, o TUSP recebeu temporadas e estreias de diversos espetáculos emblemáticos do teatro brasileiro contemporâneo, de grupos como Cia do Latão, Grupo TAPA e Companhia do Tijolo.

Dentre os destaques ficam o Coletivo Negro, que desde 2011, com *Movimento Número 1: O Silêncio de Depois...*, seu primeiro espetáculo, já passou pela programação do TUSP com *{Entre}*, *IDA* e *Farinha com açúcar ou Sobre a Substância de Meninos e Homens*, peça que homenageia os Racionais MCs.

Em concorridas temporadas, a Cia. Hiato, do diretor Leonardo Moreira, levou o premiado espetáculo *O Jardim ao TUSP* em 2012, e novamente em 2015, quando também apresentou *Ficção* e *2 Ficções* em uma mostra de repertório do grupo.

A Cia. Balagan esteve no TUSP com temporadas de *Prometheus: A Tragédia do Fogo* (2012) e *Recusa* (2013), espetáculos vencedores do Prêmio Shell.

A Cia. Livre, que em 2010 celebrou no TUSP uma década de trabalho com o projeto CIA. *LIVRE 10 ANOS*, com patrocínio da Petrobrás, trouxe também ao TUSP as estreias de *Maria que Virou Jonas* (2015) e *Os Uns e os Outros* (2019).

Em 2018, a peça *Navalha Na Carne Negra* teve sua primeira temporada no TUSP, com direção de José Fernando Peixoto de Azevedo

e os atores Lucelia Sergio, Raphael Garcia e Rodrigo dos Santos no elenco.

Agora em 2020, o TUSP também recebeu o espetáculo *O que mantém um homem vivo*, do Teatro Promíscuo, montado a partir de textos de Bertolt Brecht, e adaptação de Renato Borghi e Esther Góes, com uma temporada de muito sucesso.

Para conhecer

Teatro da Universidade de São Paulo

📍 Rua Maria Antônia, 294, Vila Buarque, São Paulo – SP

✉ tuspmt@usp.br

☎ 11 3123-5222

Siga o TUSP nas mídias sociais!

Capital

🌐 /teatrodauspoficial

📷 /tusp.teatrodausp

🎧 podcast: anchor.fm/teatrodausp

Ribeirão Preto

🌐 /TUSP - Ribeirão Preto

📷 /tuspribeirao

São Carlos

🌐 Tusp de Sanca

📷 tuspdeSanca



PERSON DA INDEPE

A narrativa construída por Taunay e outras personalidades públicas, da elite paulista portuguesa ou já brasileira, que protagonizou a Independência do país. Além de São Paulo, tendo como eixo o fato da Independência ou Morte, a seleção de personagens que atuaram tanto politicamente no exército e da marinha nas frentes de batalha em Pernambuco contra a Coroa Portuguesa. As batalhas pela emancipação do Brasil envolveram milhares de soldados e voluntários, uma população que lutou sob condições muito precárias. Convidamos você a refletir sobre o papel que alimentou a construção da memória para a Independência do Brasil. Taunay como parte do projeto de modernização das elites paulistas no quadro da Primeira República (1889-1930). Por estar integrada ao acervo, o Museu foi transformado em museu de referência pedagógica para o ensino público. A memória ganhou imensa difusão nacional.



MUSEU DO IPIRANGA

O **Museu do Ipiranga** está passando por uma grande reforma para voltar a receber o público em 2022, no bicentenário da Independência do Brasil.

Enquanto isso, você pode acessar o museu de uma forma divertida e interativa.

Conheça em
museudoipirangavirtual.com.br/visita

O que é... Brasileira?



Livro do acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Foto: Denis Pacheco/USP Imagens

Por: João Cardoso

Entre os bibliófilos, isto é, aqueles que se dedicam a colecionar livros, o sufixo “-ana” designa o assunto ou autor em que está focada uma coleção. Deste modo, uma coleção Brasileira reúne livros sobre o Brasil, assim como uma Machadiana diz respeito a uma coleção de livros de e/ou sobre Machado de Assis.

O bibliotecário e bibliófilo Rubens Borba de Moraes, cuja coleção Brasileira integra o acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM), definiu um conceito mais estrito de Coleção Brasileira, que seria formada por “livros sobre o Brasil – no todo ou em parte, impressos ou gravados desde o século XVI até o final do século XIX (1900 inclusive), e os livros de autores brasileiros impressos ou gravados no estrangeiro até 1808.” De maneira complementar, criou também o conceito de coleção Brasiliense, que seriam “livros impressos no Brasil, de 1808 até nossos dias, que tenham valor bibliofílico:

edições da tipografia régia, primeiras edições por unidades federativas, edições príncipes, primitivas ou originais e edições em vida – literárias, técnicas e científicas; edições fora de mercado, produzidas por subscrição; edições de artista.”

As definições propostas por Borba de Moraes para coleções Brasileira e Brasiliense estão baseadas nos valores “bibliofílicos”, isto é, nos elementos que fazem uma obra ser cobiçada por um colecionador. Esses valores podem se manifestar na raridade de um livro, em sua antiguidade, em primeiras edições de grandes obras, na presença de dedicatórias e anotações em um exemplar específico, em uma edição de tiragem limitada, produzida artesanalmente, ilustrada por um grande artista etc.

A Brasileira de Guita e José Mindlin é um exemplo de coleção cuja formação esteve orientada por esses valores “bibliofílicos”, ou seja, por qualquer elemento que pudesse agregar um valor único, especial a um livro

sobre o Brasil. Dentre as obras do acervo, destacam-se, por exemplo, edições raras e/ou antigas de viajantes, cronistas e missionários que produziram relatos sobre o Brasil, primeiras edições, provas tipográficas e manuscritos dos autores da literatura brasileira do século XVII ao XX, documentos históricos – sobre a Independência, Escravidão, Guerra do Paraguai –, periódicos do século XIX, livros de artista, edições artesanais.

Contudo, ao redor desses livros, o casal Mindlin também organizou uma importante e variada coleção de livros correntes – ou seja, livros que não têm elementos claramente “bibliofílicos” – sobre o Brasil, que tratam de assuntos como história, literatura, artes e ciências sociais.

O exemplo da Brasileira Guita e José Mindlin serve para ilustrar tendências mais recentes de ampliação do conceito de Brasileira. Ele pode designar não só livros de alguma maneira raros e especiais, mas qualquer coleção relevante que registre e permita compreender o Brasil em seus mais variados aspectos: histórico, social, cultural, natural, artístico. Nesse sentido, uma coleção Brasileira pode agregar, além de livros e manuscritos, outros objetos, como gravuras, pinturas, fotografias, documentos sonoros e audiovisuais etc.

Essa tendência se verifica sobretudo nas experiências de organização de acervos digitais, que permitem preservar, difundir e ampliar o acesso a acervos que documentam e pensam o Brasil. Dentre essas experiências destacam-se as bibliotecas digitais da BBM e da Biblioteca Nacional, além dos portais Brasileira Iconográfica e Brasileira Fotográfica, que reúnem obras de acervos de várias instituições. Seguindo critérios mais ou menos abrangentes, há dezenas de coleções Brasileira espalhadas pelo Brasil e pelo mundo. Para citar algumas, há no Brasil, além das já mencionadas, as coleções da Biblioteca Mário de Andrade, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Fundação Casa de Rui Barbosa, do Itaú Cultural; no exterior, pode-se citar, entre muitas outras, as coleções da Biblioteca John Carter Brown, da Biblioteca Oliveira Lima e da Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GMBH.

João Marcos Cardoso é curador da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Para conhecer

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Além de ser responsável pelo acervo de livros, mapas, periódicos e documentos, o local promove um calendário anual de cursos e exposições, a maioria com material de seu próprio acervo dialogando com assuntos variados.

O acervo está sendo permanentemente digitalizado e disponibilizado na Biblioteca Digital da BBM. Já há mais de 2 mil livros para consulta on-line: os usuários podem realizar buscas, visualizar as obras e fazer downloads.

Endereço e serviços

📍 Rua da Biblioteca, 21, Cidade Universitária, São Paulo – SP
🌐 bbm.usp.br

Biblioteca Digital da BBM

🌐 digital.bbm.usp.br

Visitas técnicas

✉ biblioteca@bbm.usp.br

Visitas monitoradas

✉ educativo@bbm.usp.br

Você também gostaria de entender melhor alguma expressão ou assunto do mundo da cultura? Escreva para procin@usp.br e nós vamos atrás dos especialistas para te responder.

Conheça a Pró-Reitoria

CENTROS DE CULTURA E EXTENSÃO

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Diretor Carlos Alberto de Moura Zeron
Vice-Diretor Alexandre Macchione Saes
📍 R. da Biblioteca, 21 – Cidade Universitária | São Paulo
☎ (11) 2648-0310
✉ bbm@usp.br
🌐 www.bbm.usp.br

Centro de Preservação Cultural - Casa de Dona Yayá

Diretora Martha Marandino
Vice-Diretora Simone Scifone
📍 R. Major Diogo, 353 – Bela Vista | São Paulo
☎ (11) 2648-1501
✉ cpcpublic@usp.br
🌐 www.usp.br/cpc

Cinusp Paulo Emílio

Diretor Cristian da Silva Borges
Vice-Diretora Cecilia Antakly de Mello
📍 R. do Anfiteatro, 181, Colmeia, favo 4 – Cidade Universitária | São Paulo
☎ (11) 3091-3540
✉ cinusp@usp.br
🌐 www.usp.br/cinusp

Coral Universidade de São Paulo

Diretor Luiz Ricardo Basso Ballestero
Vice-Diretora Márcia Hentschel
📍 R. da Praça do Relógio, 109 – Cidade Universitária | São Paulo
☎ (11) 3091-3930
✉ coralusp@usp.br
🌐 www.coralusp.prceu.usp.br

Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos

Diretora Beatriz Pacheco Jordão
Vice-Diretor Lelio Luiz de Oliveira
📍 R. Alan Ciber Pinto, 96 – Vila São Jorge | Santos
☎ (13) 3229-2703
✉ ruinasengenho@usp.br
🌐 www.engenho.prceu.usp.br

Centro Universitário Maria Antonia

Diretora Lucia Maciel Barbosa de Oliveira
Vice-Diretor Sérgio Ricardo de Carvalho Santos
📍 R. Maria Antonia, 258 e 294 – Vila Buarque | São Paulo
☎ (11) 3123-5202
✉ secretariama@usp.br / imprensama@usp.br
🌐 www.mariantonia.prceu.usp.br

Orquestra Sinfônica da USP

Diretor Fábio Cury
Vice-Diretora Mayra Moraes
📍 R. da Praça do Relógio, 109, Anexo PRCEU – Cidade Universitária | São Paulo
☎ (11) 3091-3000
✉ sinfonica@usp.br
🌐 www.usp.br/osusp

Parque CienTec

Diretor Flavio Augusto de Souza Berchez
Vice-Diretora Alessandra Fernandes Bizerra
📍 Av. Miguel Stéfano, 4200 – Vila Água Funda | São Paulo
☎ (11) 5077-6312
✉ parquecientec@usp.br
🌐 parquecientec.usp.br

Teatro da USP

Diretor Sérgio Ricardo de Carvalho Santos
Vice-Diretora Maria Helena Franco de Araújo Bastos
📍 R. Maria Antonia, 294 – Vila Buarque | São Paulo
☎ (11) 3123-5233
✉ tuspmkt@usp.br
🌐 www.usp.br/tusp

PROGRAMAS USP-COMUNIDADE

Coordenadora Ana Lúcia Pompéia Fraga de Almeida
📍 R. do Anfiteatro, 181, Colmeia, Favo 3 – Cidade Universitária | São Paulo
✉ usp.comunidade@usp.br

USP Aproxima-Ação

Coordenadora Ana Estela Haddad
☎ (11) 3091-9182
✉ aproxima@usp.br

Giro Cultural USP

Coordenador Ricardo Ricci Uvinha
☎ (11) 3091-1190
✉ girocultural@usp.br

Nascente USP

Coordenador Luiz Claudio Mubarak
☎ (11) 3091-3277
✉ nascente@usp.br

USP 60+

Coordenador Egidio Lima Dorea
☎ (11) 3091-9183
✉ 3idade@usp.br

USP e as Profissões

Coordenadora Dionísia Aparecida Cusin Lamônica
☎ (11) 3091-3511
✉ uspprofi@usp.br

USP Aproxima Escola

Coordenador Fabio Rodrigues
☎ (11) 3091-3513
✉ usp.aproxima.escola@usp.br

Incubadora Tecnológica USP de Cooperativas Populares

Coordenador Reinaldo Pacheco da Costa
☎ (11) 3091-4400
✉ itcp@usp.br

USP Legal

Coordenadora Ana Lúcia Pompéia Fraga de Almeida
☎ (11) 3091-4155
✉ usplegal@usp.br

USP Diversidade

Coordenadora Ana Paula Morais Fernandes
☎ (11) 3091-9185
✉ diversidade@usp.br

CURSOS E ATIVIDADES

Consulte os Cursos de Extensão da USP no site
🌐 www.prceu.usp.br/cursos



pró-reitoria de cultura
e extensão universitária



Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária

Rua da Reitoria, 374 - 3º andar
Cidade Universitária - São Paulo, SP
05508-220
tel.: 11 3091-3250